



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

**O GÊNERO TEXTUAL ARTIGO DE OPINIÃO: a função da leitura e da produção
textual no desenvolvimento do olhar crítico do aluno**

YAMINNE DINIZ FELINTO

Mamanguape-PB
2021

YAMINNE DINIZ FELINTO

**O GÊNERO TEXTUAL ARTIGO DE OPINIÃO: a função da leitura e da produção
textual no desenvolvimento do olhar crítico do aluno**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal da Paraíba – Campus IV, em
cumprimento aos requisitos para a obtenção do título
de Licenciada em Letras/Língua Portuguesa.

Orientadora: Dra. Luana Francisleyde Pessoa de
Farias

Mamanguape-PB
2021

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

F315g Felinto, Yaminne Diniz.

O gênero textual artigo de opinião: a função da leitura e da produção textual no desenvolvimento do olhar crítico do aluno / Yaminne Diniz Felinto. - Mamanguape, 2021.

83 f. : il.

Orientação: Luana Francisleyde Pessoa de Farias.
TCC (Graduação) - UFPB/CCAÉ.

1. Ensino. 2. Gêneros textuais. 3. Argumentação. 4. Artigo de opinião. I. Farias, Luana Francisleyde Pessoa de. II. Título.

UFPB/CCAÉ

CDU 82

YAMINNE DINIZ FELINTO

**O GÊNERO TEXTUAL ARTIGO DE OPINIÃO: A FUNÇÃO DA LEITURA E DA
PRODUÇÃO TEXTUAL NO DESENVOLVIMENTO DO OLHAR CRÍTICO DO
ALUNO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal da Paraíba – Campus IV, em
cumprimento aos requisitos para a obtenção do título
de Licenciado em Letras/Língua Portuguesa.

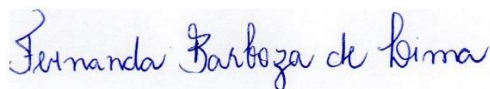
Orientadora: Dra. Luana Francisleyde Pessoa de
Farias

Aprovado em 02 de julho de 2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a. Dra. Luana Francisleyde Pessoa de Farias
(Orientadora - Universidade Federal da Paraíba - DL)



Prof.^a. Dra. Fernanda Barboza de Lima
(Examinador 1- Universidade Federal da Paraíba - DL)



Prof. Dr. Fábio Pessoa da Silva
(Examinador 2- Universidade Federal da Paraíba - DL)

Mamanguape-PB
2021

Dedico esta monografia à minha mãe e à minha irmã.

E em especial ao meu saudoso pai,

quanta falta você me faz.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por todo o amor e misericórdia sobre minha vida. Por iluminar a minha mente nas horas difíceis, me dando força para prosseguir em frente sem nunca desistir.

Agradeço à minha mãe, Mailda, e a minha irmã, Ingridy, pelos conselhos e por todo o apoio que me foi dado. Amo vocês!

Em especial ao meu falecido pai, João Felinto, pelos conselhos à mim dados. Me formei no curso que o senhor tanto me falou, sei que se pudesse me ver, estaria orgulhoso de mim. Saudade eterna.

À minha orientadora, Prof.^a. Dra. Luana Francisleyde Pessoa de Farias, que me auxiliou desde o projeto desta pesquisa. Obrigada, “prof”, pela sua paciência, pelas sugestões, por sua disponibilidade quando sempre precisei e pela sua contribuição para o desenvolvimento desse trabalho.

Aos examinadores, à minha querida Prof.^a. Dra. Fernanda Barboza de Lima e Prof. Dr. Fábio Pessoa da Silva, os quais tive a sorte de tê-los como meus professores ao longo do curso. Obrigada por cada ensinamento e por aceitar o convite para a avaliação desse trabalho. Para mim, é uma honra e uma imensa alegria tê-los como examinadores.

Ao Grupo de Estudos Saberes e Práticas do Professor (GESPP), por cada leitura, debate e conhecimento compartilhado, estes ensinamentos contribuíram para a execução desta pesquisa e contribuirão para a minha carreira profissional. Vocês são tops!

Por fim, quero agradecer as amigas que adquiri durante o curso, meu grupo da “mundiça”: Larissa Oliveira, Sabrina Lima, Clécia Vitória, Luiz Cândido e Isabelle Oliveira, obrigada por cada resenha, o curso ficou mais leve graças a vocês!

Agradeço, em especial, à Larissa, pela força e pelo apoio dado durante a construção desse trabalho e durante o curso. Obrigada por tudo, conte sempre comigo! À Sabrina pelo apoio dado e por sempre tentar “manter” a minha paciência, e à Clécia pelos PDF’s disponibilizados, eles contribuíram muito na construção deste trabalho.

“É fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal forma que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática”.

(Paulo Freire)

RESUMO

Existem diversos gêneros textuais, cada um com a sua funcionalidade e tipologia específica, fazemos uso deles diariamente para interagirmos com as pessoas. Vivemos em um mundo que exige de nós o nosso posicionamento diante das diversas questões presentes na sociedade, por esse motivo, o (a) docente de língua portuguesa deve preparar os seus alunos para essa realidade. Para isso defende-se o trabalho com o gênero textual artigo de opinião em sala de aula para que por meio dele, os alunos desenvolvam o seu olhar crítico perante assuntos polêmicos, como também, saibam se posicionar de forma crítica, argumentando e defendendo o seu ponto de vista. Diante disso, a nossa pesquisa tem por objetivo desenvolver práticas de leitura e produção do gênero textual artigo de opinião a fim de instigar o pensamento crítico dos alunos do ensino médio. Mais especificamente, apresentar a definição de gênero textual e as principais características e funcionalidade do gênero artigo de opinião; Propor práticas de leitura e produção textual do gênero artigo de opinião em uma turma de ensino médio; e, analisar as produções textuais dos alunos do ensino médio e, a partir delas, oferecer subsídios para aprofundar o estudo do artigo de opinião nas aulas de língua portuguesa; por fim, devolver à professora titular esses dados apontando para atividades futuras sobre o gênero. O nosso embasamento teórico se constituiu a partir de estudiosos renomados, como Marcuschi (2008, 2010), Bakhtin (1997), Antunes (2010, 2017), Koch (2009, 2018), BNCC (2017), PCN+ (2002), dentre outros. Trata-se de um estudo situado na área da Linguística Aplicada, de caráter explicativo, a qual se realizou por meio de uma pesquisa bibliográfica e de uma pesquisa ação, esta desenvolvida em turmas do 2º ano do ensino médio de uma escola da rede pública do Litoral Norte da Paraíba no período entre os dias 20 de abril a 26 de abril de 2021. O corpus foi constituído por um questionário de sondagem, a observação do encontro síncrono e a produção de artigos de opinião pelos alunos. Por meio da análise desta pesquisa, comprovamos que o uso do artigo de opinião nas aulas de língua portuguesa tornou possível instigar o olhar crítico e o pensamento reflexivo do aluno mediante a leitura e produção textual desse gênero, possibilitando que os alunos se posicionassem de maneira crítica e reflexiva, tornando-os protagonistas da sua aprendizagem. Além disso, os resultados desta pesquisa, comprovaram, também, a importância da prática da reescrita na produção textual, bem como, a importância do professor realizar, na revisão das produções, apontamentos que indiquem sugestões, colaborando assim, para a compreensão dos seus alunos.

Palavras-Chave: Ensino. Argumentação. Gêneros textuais. Artigo de opinião.

ABSTRACT

There are several types of texts, each has its own functionality and specific typology, they are used daily in order to provide people interaction. We live in a very demanding world, it demands from us to position yourself facing current issues from our society, for that reason, Portuguese language teachers must prepare their students for this reality. For that, type text opinion piece work is upheld in classrooms, so students may have critical eyes when it comes to controversial issues, as well as critically give their opinion, arguing and defending their point of views. This work aims at developing experiences of reading and production of type of text opinion piece in order to stimulate high school students critical thinking. More precisely, showing type of texts definition and their main characteristics and functionalities of opinion piece type; proposing experiences of reading and production of type of text opinion piece for a high school class; and analyzing students text production from those, providing assistance to deepen opinion piece studies in Portuguese classes, to conclude, bringing back to the full teacher those data looking forward to upcoming activities about type of texts. Theoretical background is based on renowned scholars as, Marcuschi (2008, 2010), Bakhtin (1997), Antunes (2010, 2017), Koch (2009, 2018), BNCC (2017), PCN+ (2002), among others. It is an applied linguistics area study of explanatory nature, which took place from a bibliographical research and research action, on second grade high school classes in a public school based on *Litoral Norte* area of Paraíba, starting on April 20th to April 26th, 2021. Corpus was made through a survey, synchronous meeting observance and /students' production of articles opinion piece. Through this work analyses, opinion piece article usage in Portuguese classes was proven handful when it comes to instigating students to have critical eyes and reflective thinking facing reading and text production of this type, turning to be possible for the student to give opinion in a reflective and critical way as well as becoming their own learning process protagonists. Furthermore, this research results also proved that text production rewriting practice to be crucial, plus, teachers to, during the production review, take notes of suggestions to a better student comprehension.

Keywords: Teaching, argumentation. Type of texts, Opinion piece.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Tabela de critérios de avaliação das produções de artigo de opinião	40
--	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Porcentagem da resposta da questão de número 1	42
Gráfico 2 - Comparação das respostas da questão de número 2	43
Gráfico 3 - Comparação das respostas da questão de número 3	44
Gráfico 4 - Porcentagem da resposta da questão de número 4	45
Gráfico 5 - Porcentagem da resposta da questão de número 5	46

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Registro do encontro síncrono com o 2º ano A, B, C e D	48
Figura 2 - Parte da apresentação dos slides	49
Figura 3 - Introdução do artigo de opinião do/a aluno (a) A	51
Figura 4 - Introdução do artigo de opinião do/a aluno (a) B	51
Figura 5 - Desenvolvimento do artigo de opinião do/a aluno (a) A	52
Figura 6 - Desenvolvimento do artigo de opinião do/a aluno (a) B	53
Figura 7 - Conclusão do artigo de opinião do/a aluno (a) A	54
Figura 8 - Conclusão do artigo de opinião do/a aluno (a) B	55
Figura 9 - Introdução da 1ª produção textual do/a aluno (a) A	56
Figura 10 - Introdução reescrita do artigo de opinião do/a aluno (a) A	57
Figura 11 - Desenvolvimento da 1ª produção textual do/a aluno (a) A	57
Figura 12 - Desenvolvimento reescrito do artigo de opinião do/a aluno (a) A	58
Figura 13 - Introdução da 1ª produção textual do/a aluno (a) B	58
Figura 14 - Introdução reescrita do artigo de opinião do/a aluno (a) B	59
Figura 15 - Desenvolvimento da 1ª produção textual do/a aluno (a) B	59
Figura 16 - Desenvolvimento reescrito do/a aluno (a) B	60
Figura 17 - Conclusão da 1ª produção textual do/a aluno (a) B	60
Figura 18 – Conclusão reescrito do artigo de opinião do/a aluno (a) B	61

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

PCN+ Ensino médio - Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais

PCN Médio - Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio

PDF - Portable Document Format

PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 UM BREVE HISTÓRICO DOS GÊNEROS TEXTUAIS	18
2.1 GÊNERO TEXTUAL/DISCURSIVO COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO	19
3 O ARTIGO DE OPINIÃO	25
3.1 A estrutura do artigo de opinião	26
3.1.1 Tipos de argumentos utilizados no artigo de opinião	27
3.1.2 Leitura e produção textual: habilidades que se complementam	29
4 METODOLOGIA	34
4.1 Natureza da pesquisa	34
4.1.1 Geração de dados	36
4.1.2 Sistemática da análise	39
5 ANÁLISE	41
5.1 Diagnóstico inicial	41
5.2 Interação síncrona	47
5.3 Escrita e Reescrita de Artigos de opinião	50
5.3.1 Produção inicial do gênero artigo de opinião	50
5.3.2 Produção final do artigo de opinião	56
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
7 REFERÊNCIAS	65
APÊNDICE A - Plano de intervenção	68
APÊNDICE B – Questionário do Google Forms	71
APÊNDICE C - Proposta de produção textual	75
APÊNDICE D – Proposta de reescrita	77
ANEXO A	80

1 INTRODUÇÃO

O ser humano é um ser comunicativo, é um ser que expõe o que pensa a respeito de um determinado assunto, defende o que acredita e argumenta para convencer aquele com quem está interagindo. Por isso, o ensino dos gêneros textuais é fundamental para se aplicar nas aulas de língua portuguesa, visto que por meio deles os alunos aprendem a se inserir em diversas práticas comunicativas dentro da sociedade. Apesar de que, às vezes, a prática do ensino costuma reduzir-se às regras da gramática normativa e à classificação das orações, deixando de lado o esclarecimento daquilo que também é importante para a formação do aluno como um bom leitor e produtor de textos que saberá ler e escrever de forma precisa e eficiente, tendo a consciência da importância dessas habilidades dentro da sociedade em que vive. Sobre isso, Antunes (2010, p. 116) afirma que, na maioria das escolas, o ensino das classificações das orações “ocupa muito mais tempo do que a explicitação daquilo que é preciso saber para ler e escrever com sentido claro e bem expresso (...)”, e para se evitar isso, deve, segundo ela, “trazer questões textuais para o centro de ensino” ou seja, é importante trabalhar com os gêneros textuais dentro da sala de aula, dentre eles, especificamente, o artigo de opinião.

Neste estudo, trataremos do artigo de opinião, um gênero que pode ser usado como uma importante ferramenta para desenvolver diferentes competências, dentre elas, a criticidade dos alunos, prevista na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017). Todavia, sabemos que é um desafio para o professor de língua portuguesa, pois o estudante, ao se deparar com o formato discursivo-argumentativo desse gênero, sente dificuldades para produzi-lo, seja por não conhecer bem esse gênero, ou por não saber como expressar a sua opinião.

Diante desse contexto, lançamos o nosso olhar investigativo para o ensino do gênero artigo de opinião, porque defenderemos que, por meio dele, o professor poderá levar o aluno a enxergar que a construção de um texto opinativo não consiste em somente escrever palavras bonitas em sua produção, mas que, antes de escrever algo, ele deverá refletir sobre o tema abordado nesse gênero, refletir sobre como irá expor a sua opinião e a quem será dirigida. Koch (2009) diz que dominar um gênero baseia-se no próprio domínio da situação comunicativa, esse domínio pode ser dado através do ensino das aptidões estabelecidas para a produção de um determinado gênero, ou seja, emitimos as nossas opiniões quando estamos interagindo com alguém sobre algum assunto de que temos conhecimento. No artigo de opinião não é diferente, é a partir de sua leitura e discussão em sala de aula que o aluno irá refletir como produzi-lo.

Mas como seria possível instigar o pensamento crítico do aluno do ensino médio a partir da leitura, discussão e produção do artigo de opinião? Acreditamos que, com uso desse gênero textual, será possível instigar o pensamento crítico do aluno, visto que por meio dele, o aluno se questionará e buscará uma melhor forma de expor o seu ponto de vista. Por ser um gênero de caráter dissertativo-argumentativo, fará com que o aluno, ao iniciar a sua produção textual, reflita em como irá persuadir o leitor, nesse caso o professor e os colegas de classe, se aquela sua opinião é convincente e, em alguns casos, qual será a melhor solução para o problema exposto no artigo.

Por isso, trabalhar com o gênero artigo de opinião é de grande relevância nas aulas de língua portuguesa, visto que expor esse gênero é importante, não só para que os alunos ganhem conhecimento a respeito de sua função e de sua estrutura, mas também para que eles adquiram uma visão crítica perante os questionamentos expostos na sociedade em que vivem.

No tocante ao currículo de Língua Portuguesa, o referido gênero é previsto nos documentos oficiais, a exemplo da Base Comum Curricular (BNCC, 2017), que estabelece os objetivos de aprendizagem, dentre eles, prevê que o aluno desenvolva as suas habilidades relativas à atuação nas práticas sociais e políticas no meio em que vive.

Também é importante destacar que a temática desta pesquisa foi escolhida devido às experiências obtidas durante a participação como bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), no período de setembro de 2018 a janeiro de 2020. Período em que atuei como bolsista e participava de reuniões semanais para discussão e planejamento de oficinas que seriam aplicadas em uma escola municipal, de ensino fundamental, localizada no Litoral Norte da Paraíba. Dentre as oficinas de que participei, uma delas foi sobre o artigo de opinião, a qual foi aplicada em uma turma do 8º ano do ensino fundamental II, cujo propósito foi trabalhar o domínio da escrita nesse gênero textual.

Além disso, com base no levantamento bibliográfico, encontramos somente estudos que tratam separadamente o gênero artigo de opinião e o desenvolvimento do pensamento crítico. Por isso, ressaltamos a importância da discussão que realizamos.

Esta monografia se trata de uma pesquisa-ação realizada em uma turma do ensino médio e por meio dela, pretendemos colaborar com o ensino do artigo de opinião nas aulas de língua portuguesa, possibilitando refletir quanto aos seus aspectos teóricos e metodológicos. Quanto aos alunos, acreditamos que experiências contextualizadas e significativas no tocante às práticas de leitura, de oralidade e de produção textual, em que eles precisarão articular e defender

determinados pontos de vista, ampliarão o domínio não apenas se tratando ao uso do artigo de opinião, como também dos demais gêneros que exigirão deles o olhar crítico perante os temas presentes na sociedade. Assim, saberão selecionar informações relevantes para a sua fundamentação, obtendo mais conhecimentos quanto ao uso desse gênero comunicativo.

Diante disso, o objetivo geral desta pesquisa é *desenvolver práticas de leitura e produção do gênero textual artigo de opinião a fim de instigar o pensamento crítico do aluno do ensino médio*. Para isso, elaboramos os seguintes objetivos específicos: a) Apresentar a definição de gênero textual e as principais características e funcionalidade do gênero artigo de opinião; b) Propor práticas de leitura e produção textual do gênero artigo de opinião em uma turma de ensino médio; e, c) Analisar as produções textuais dos alunos do ensino médio; d) Oferecer subsídios para aprofundar o estudo do artigo de opinião nas aulas de língua portuguesa.

Sendo assim, a nossa pesquisa situa-se na grande área de estudos da Linguística Aplicada, como também, está baseada em grandes teóricos que tratam dessa temática, como Marcuschi (2008, 2010), Bakhtin (1997), Antunes (2003, 2005, 2009, 2010 e 2017), Koch (2009, 2018), a Base Comum Curricular (2017), os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, 2000, 2002), dentre outros.

Os capítulos estão divididos da seguinte forma: no primeiro capítulo, apresentaremos uma breve historicidade dos gêneros textuais, conceituando-o como meio de comunicação. No segundo capítulo, dissertaremos sobre o artigo de opinião, a sua estrutura e os tipos de argumentação utilizados, além da produção textual do referido gênero na escola e como a leitura e a produção textual são habilidades que se complementam. No terceiro capítulo, trataremos da metodologia adotada nesta pesquisa, enfocando os seguintes quatro tópicos: a natureza da pesquisa, a geração de dados, a sistemática da análise. No quinto capítulo, discorreremos acerca da análise das respostas obtidas na atividade de sondagem e na análise das produções textuais. Por fim, as considerações finais.

2 UM BREVE HISTORICO DOS GÊNEROS TEXTUAIS

Os estudos dos gêneros textuais, conforme Marcuschi (2008), remontam a Platão, com a tradição poética, e Aristóteles, com a tradição literária. Foi a partir de Aristóteles, de acordo com o autor supracitado, que surgiu uma teoria mais sistematizada sobre os gêneros e sobre a natureza discursiva. Segundo Marcuschi (2008), há três elementos citados pelo filósofo que compõem o discurso: o primeiro é aquele que fala, o segundo é aquilo sobre o que se fala e o último é aquele a quem se fala. De acordo com esses elementos, o discurso nos gêneros se inicia no eu (locutor), a partir de um assunto (tema), para o outro a quem ouve/ler (interlocutor). Foi na idade média que a visão de Aristóteles se ampliou sobre a estrutura e estratégias do gênero, que, de acordo com Rojo e Barbosa (2015), Aristóteles enumerou diferentes gêneros, tratando-os como espécies de poesia. Posteriormente, ele os denomina como gênero, ou seja, para Aristóteles seria um grupo que englobava as variadas espécies de substâncias individuais, como, o poema trágico, a comédia, a epopeia e a poesia lírica.

Nesses tempos antigos, os gêneros textuais não eram tão diversos como são atualmente, a multiplicação deles ocorreu dividida, segundo Marcuschi (2010), em três fases: a primeira fase se deu através de povos de cultura essencialmente oral, os quais desenvolveram um conjunto limitado de gêneros. Na segunda fase, por volta do século VII a.C., os gêneros multiplicaram-se, pois foi nesse período que a escrita alfabética foi inventada, surgindo gêneros típicos da escrita. Na terceira fase, a partir do século XV, o florescimento da cultura impressa causou a expansão dos gêneros, e devido a isso, iniciou no século XVIII, uma fase intermediária de industrialização, dando início a uma grande ampliação. Atualmente, numa fase denominada de “cultura eletrônica”, que possibilita o acesso à tv, ao celular, à internet, e às demais tecnologias que conhecemos, ocorreu uma explosão de novos gêneros e novas formas de comunicação, tanto escrita quanto oral (MARCUSCHI, 2010).

Pela tamanha diversidade dos gêneros não é possível estudá-los da mesma maneira. Não se pode estudar um gênero que possui características de falas cotidianas, recursos gramaticais específicos e estudar, da mesma forma, um gênero da esfera literária, por exemplo. Cada gênero textual deve ser estudado individualmente, conforme as suas características. Por isso, Bakhtin (1997) relata que houve estudos em três tipos de gêneros existentes: os gêneros literários, os gêneros retóricos e os gêneros do discurso.

O estudo dos gêneros literários, conforme o autor, ocorria pelo ângulo artístico literário de sua especificidade, limitando-se na literatura sem buscar entender, segundo ele, a diferença entre um enunciado e outro. Já o estudo dos gêneros retóricos iniciou-se na antiguidade, sendo mantido a mesma linha de estudo dos antigos nos tempos posteriores, os quais davam atenção à natureza verbal do enunciado, “(...) a relação com o ouvinte e a influência deste sobre o enunciado” (BAKHTIN, 1997, p. 281). Por último, foram estudados os gêneros do discurso cotidiano, que de acordo com o autor, era especialmente estudado a réplica do diálogo cotidiano, seguindo a visão da linguística geral de Saussure, e conseqüentemente, a visão de seus discípulos, os estruturalistas, os behavioristas e os seguidores de Vossler. Com esse estudo não era possível “conduzir à definição correta da natureza linguística do enunciado”, pois se limitavam em evidenciar “a especificidade do discurso cotidiano oral (...)”. (BAKHTIN, 1997. p. 282).

Atualmente, segundo Marcuschi (2008), os estudos dos gêneros não estão vinculados apenas à literatura, mas encontram-se também na área da linguística, em especial com enfoque nos aspectos textuais-discursivos. Os estudos ocorrem, de acordo com ele, pela análise dos discursos presentes no texto, pela análise da visão da sociedade e da descrição da língua, evidenciando questões de natureza sociocultural.

2.1 O gênero textual/discursivo como meio de comunicação

Os gêneros textuais (ou discursivos) sempre estiveram presentes na nossa vida, utilizamos diariamente e nem percebemos isso, quando escrevemos um e-mail ou escrevemos um bilhete para um (a) amigo (a), o recibo que obtivemos após as compras no supermercado, a xerox que tiramos na universidade, a frequência de chamada utilizadas pelos professores, enfim, os gêneros estão sempre presentes no nosso cotidiano, como Rojo e Barbosa (2015, p.16) afirmam: “todas as nossas falas, sejam cotidianas ou formais, estão articuladas em um gênero do discurso”. Em todas as nossas atividades de comunicação fazemos o uso dos gêneros discursivos/textuais, são eles que põem em ordem a nossa comunicação. Mas afinal, o que são os gêneros textuais?

Gêneros textuais são, conforme Marcuschi (2010, p. 19), “entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa”. Usados para expressar as ações humanas em qualquer contexto discursivo, os gêneros são reconhecidos

como instrumentos de comunicação, de uma ação discursiva. São mais caracterizados, de acordo com o autor, pelas suas funções comunicativas do que por sua estrutura. Assim, os gêneros colaboram decisivamente para regular e ordenar as atividades de comunicação do cotidiano. (ANTUNES 2017). Já Bakhtin (1997) define os gêneros como enunciados relativamente estáveis, pois, para ele, a utilização da língua se dá por meio de enunciados variáveis conforme as especificidades de uma esfera de comunicação. O enunciado para Bakhtin é o que se diz, seja falando ou escrevendo, e esse dizer contém um significado, visto que são produzidos a partir da utilização da língua e da linguagem. Sobre isso, Rojo e Barbosa (2015, p. 17), tendo como base a definição de Bakhtin, expõem que um enunciado

(...) é um dito (escrito, ou mesmo pensado) concreto e único, “irrepetível”, que gera significação e se vale da língua/linguagem para sua materialização, constituindo o discurso. Pode ser uma simples interjeição ou meneio de cabeça, assim como uma frase, um texto escrito completo ou um romance. O que define são suas fronteiras, ou seja, tudo o que leva à alternância dos falantes.

Assim, o enunciado é tudo aquilo que falamos, escrevemos, ouvimos ou pensamos antes de falar ou escrever, e ao dizer gera um dado significado. Serve, portanto, para expressar através da linguagem e da língua, uma opinião a respeito das coisas, do mundo, das pessoas, do que nos foi dito. A alternância do enunciado decorre a partir dos falantes, o eu (autor/locutor) e o outro (leitor/ouvinte), na interação com trocas de conversas, ou quando um aluno produz, por exemplo, um artigo de opinião e espera que o/a professor/a leia e aprecie a sua opinião de maneira positiva, ou de maneira negativa, apontando no seu texto pontos fortes e/ou possibilidades de reescrita, a fim de atender mais satisfatoriamente à função comunicativa do referido gênero.

Essa alternância ocorre sempre quando estamos interagindo com alguém, seja pessoalmente ou a distância. Sempre que falamos ou escrevemos algo para o outro, esperamos uma resposta, positiva ou negativa, como expõe Bakhtin (1997), todo enunciado, seja uma breve réplica até um tratado científico ou romance, contém em si um começo ou um fim, há enunciados dos outros depois do seu término e há um enunciado-resposta dos outros “ainda que seja como uma compreensão responsiva ativa muda ou como um ato-resposta baseado em determinada compreensão”. (BAKHTIN, 1997. p. 294). Portanto, ao terminarmos de falar ou quando escrevemos uma mensagem via aplicativo, por exemplo, enviamos e esperamos que o outro nos responda. Essa resposta pode ser quando o outro nos envia uma mensagem de volta,

ou quando paramos de falar a outra pessoa balança a cabeça concordando ou discordando do que dissemos, ou até mesmo dando a sua opinião sobre o que foi dito por nós.

Todos os dias, tudo o que falamos e ouvimos, conforme Rojo e Barbosa (2015), corresponde a gêneros textuais/discursivos, bem como, tudo o que escrevemos ou lemos, pois

Nossas atividades que envolvem linguagem, desde as mais cotidianas — como a mais simples saudação — até as públicas (de trabalho, artísticas, científicas, jornalísticas etc.) se dão por meio da língua/linguagem e dos gêneros que as organizam e estilizam, possibilitando que façam sentido para o outro (ROJO; BARBOSA, 2015. p. 18).

Por isso, há uma diversidade de gêneros textuais, pois, há também, uma diversidade de esferas de atividade humana, e por mais variadas sejam essas esferas, segundo Bakhtin (1997), elas se relacionam sempre com a utilização da língua, a qual se realiza em forma de enunciados, sejam orais ou escritos. Esses enunciados representam, segundo ele, condições específicas e as suas finalidades. Por sermos seres comunicáveis e interacionistas, fazemos uso da comunicação diariamente, seja falando ou escrevendo para alguém. Ao escrever, utilizamos algum gênero textual a partir da nossa intenção, ou seja, a partir do que queremos transmitir ao outro, nas palavras de Antunes (2017, p. 133), os gêneros textuais “respondem a um determinado propósito comunicativo (...)”. Nesse sentido, as ações sociais ou individuais, de acordo com Koch (2018), podem pertencer a distintas atividades, visto que toda atividade humana possui a existência de um interesse ou de uma necessidade, possui uma finalidade. Por isso, existem inúmeros gêneros textuais, cada um com a sua estrutura e finalidade. Para Bakhtin (1997), a atividade humana é inexaurível, e cada atividade humana é composta de um repertório de gêneros denominado como gêneros do discurso.

Os gêneros textuais, conforme Marcuschi (2010, p. 22), colaboram para a ordem e a estabilização das atividades comunicativas diárias, e ainda de acordo com ele, “(...) a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual.”, sendo assim impossível comunicarmos verbalmente sem o uso de um gênero textual, pois a língua é concebida como atividade social.

Logo, é impossível comunicarmos com o outro sem o uso de algum gênero discursivo/textual, é a partir da escrita do texto que podemos atuar verbalmente e socialmente, a nossa atividade de linguagem não ocorre apenas através da fala, mas também da escrita. Sobre isso Antunes (2017. p. 22):

(...) fica explícito que toda atuação verbal acontece sempre em textos portadores de uma função comunicativo-interacional e está, em cada ocorrência, integrada num sistema mais amplo de atuação, que é a atuação social que as pessoas empreendem no dia a dia de suas relações.

Assim, o texto possui uma função de comunicar e interagir socialmente, por isso é por meio deles que dialogamos com nossos amigos, com nossos professores, com todas as pessoas com quem convivemos e até aquelas que não temos tanta aproximação, mas sempre, em todos os momentos na nossa vida, escrevemos um texto. Primeiramente pensamos no que queremos transmitir, qual a finalidade específica do que vai ser escrito, e a partir daí produzimos um texto dentro de um gênero adequado ao que queremos. Por isso, na produção textual e em toda atividade de linguagem ocorre, conforme Antunes (2017, p. 111), “(...) uma espécie de ‘contrato recíproco’ entre os participantes, no sentido de um colaborar um com o outro (...)”. Isso acontece porque, quem escreve um texto busca facilitar a compreensão do leitor, e o leitor procura entender o que foi escrito, ocorrendo, assim, uma compreensão mútua. Ninguém escreve algo pretendendo dificultar, de forma intencional, o entendimento do outro, mas busca deixar o texto como um todo interpretável, a fim de que o leitor entenda o que está escrito.

Logo, os gêneros textuais não são rígidos, mas sim flexíveis. De acordo com Marcuschi (2010, p. 19), eles possuem um

(...) alto poder preditivo e interpretativo das ações humanas em qualquer contexto discursivo, os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas (...).

Sendo assim, com o surgimento de novas tecnologias emergem novos gêneros. Alguns se adequam às novas tecnologias, como, por exemplo, o artigo de opinião que, nas últimas décadas era publicado em jornais e revistas impressos. Atualmente, além da digitalização dos principais meios de comunicação, também o encontramos em diferentes sites, portais, blogs etc. Por causa das tecnologias, novos gêneros surgiram, alguns com algumas características semelhantes aos antigos, a exemplo do e-mail e da carta pessoal, mas que se diferenciam por vários aspectos, dentre eles, o suporte e atenderem a diferentes necessidades comunicativas; também a conversação face a face, que hoje ocorre de diferentes modos, via telefonema, por chamada de vídeo, também, por meio das mensagens instantâneas, dentre outros.

Por isso os gêneros são flexíveis, pois eles vão adquirindo novas formas com o passar do tempo, de acordo com os contextos socioculturais em que os seres humanos atuam. Os gêneros são “construídos historicamente pelas pessoas, em seus grupos sociais de atuação (...)” (ANTUNES, 2017, p. 133). Sendo assim, os gêneros foram criados pelos seres humanos com o propósito de serem utilizados como meio de comunicação e interação com outros indivíduos, relacionando-se com a utilização da língua, para irem de acordo com a linguagem utilizada e conforme a necessidade humana, a sua finalidade de utilização e contexto social.

Os gêneros (orais ou escritos), de acordo com Bakhtin (1997), são heterogêneos, essa heterogeneidade decorre a partir das tipologias textuais, podendo duas ou mais fazer-se presente em um único gênero textual. Dessa forma, conforme Bakhtin (1997), os gêneros textuais podem expor uma diversidade conforme os temas presentes e da composição de quem o produz. Sendo assim, em um único gênero pode haver diferentes tipologias textuais. Por exemplo, no artigo de opinião, a argumentação é predominante, mas é possível que o articulista em alguns momentos mescle a sua argumentação com a narração, tornando esse gênero heterogêneo. Cada esfera de comunicação humana comporta um repertório de gêneros que, segundo Bakhtin (1997), vai diferenciando-se ao passo que essa esfera vai se desenvolvendo, ficando mais complexa. Podemos citar, como exemplo, os documentos oficiais, como o requerimento, o atestado, a declaração e o relatório, que são documentos que fazem uso de uma linguagem formal, diferenciam-se na sua estrutura, na sua finalidade e no contexto em que são produzidos, podendo ser feitos à mão ou digitados eletronicamente. E, apesar de serem gêneros com características formais rígidas, também sofrem mudanças de acordo com as necessidades comunicativas. Portanto, os gêneros textuais diferenciam-se conforme a situação de comunicação, ampliam-se e modificam-se conforme vão surgindo novas formas de utilização da língua.

As tipologias textuais estão sempre presentes nos gêneros, e elas são, de acordo com as autoras Köche, Boff e Marinello (2014), ferramentas indispensáveis a serviço dos gêneros textuais, e o seu domínio é essencial numa produção textual e leitura dos textos, pois indicam uma “espécie” de sequência que teoricamente é definida pela natureza linguística de sua composição, como, os tempos verbais, os aspectos sintáticos e lexicais, as relações lógicas (MARCUSCHI 2010). Ou seja, as tipologias textuais são as formas que um texto pode-se expor, dependendo da situação comunicativa. Dentre as tipologias textuais mais usadas na composição de um texto podemos citar, a descrição, a narração, a explicação, a exposição, a dissertação e a argumentação.

Pelos conceitos dos gêneros e das tipologias textuais serem próximos, achamos importante deixarmos esclarecido aqui a diferença entre eles. De acordo com Antunes (2017), as tipologias textuais, ou tipos de texto, são “construções teóricas”, ou seja, eles são identificados através de suas marcas linguísticas, por exemplo, quando há uma predominância da argumentação em um texto falamos que esse texto é argumentativo. Já os gêneros textuais, segundo Antunes (2017), são textos concretos, situados, eles são identificados pelo seu conteúdo, pela sua forma de composição e pela sua finalidade comunicativa. Por exemplo, a tipologia textual presente no artigo de opinião é o dissertativo-argumentativo, é pelo uso dessa tipologia que o articulista busca convencer o seu leitor, por meio de argumentos convincentes e coerentes. Portanto, as tipologias textuais, de acordo com Köche e Marinello (2015), são usadas na construção dos gêneros textuais, e os gêneros textuais são, conforme Antunes (2017), enunciados que regulam e ordenam as atividades comunicativas do cotidiano. Reconhecemos o gênero pela função que ele tem na sociedade, a exemplo de quando recebemos um convite e falamos “recebi um convite” e não “recebi uma descrição”.

Portanto, os gêneros textuais nos servem como meio de comunicação porque o utilizamos nas várias esferas de interação humana. Por meio deles, fazemos uso de diferentes linguagens, expressões, declarações, solicitações, opiniões etc. Os gêneros textuais são a nossa ferramenta comunicativa, e estão presentes em nossa vida diariamente. Por exemplo, fazemos o uso do bilhete e colocamos na porta da geladeira ou em cima da mesa quando queremos avisar algo para alguém da nossa família, pois naquele momento não foi possível falarmos pessoalmente; ou digitamos uma mensagem e enviamos via aplicativo quando queremos marcar algo com nossos amigos ou apenas conversar, relatando um acontecimento diário ou momentâneo da nossa vida pessoal; ou, até mesmo, para expormos uma breve opinião, fazemos uma propaganda de um comércio de um amigo pelos *stories* do *Instagram*, realizarmos uma reunião do nosso trabalho, de um grupo de estudo da universidade; enfim, para cada finalidade temos um gênero adequado.

3 O ARTIGO DE OPINIÃO

O artigo de opinião é um gênero textual pertencente à esfera jornalística, de caráter dissertativo-argumentativo, no qual o autor precisa apresentar e defender o seu ponto de vista sobre um determinado tema e, por meio de sua argumentação, persuadir o leitor. Nesse sentido, Gagliardi e Amaral (2009) ratificam:

O artigo de opinião é um gênero jornalístico que se caracteriza por expressar opiniões de seus autores, ao contrário das notícias, que devem ser isentas do julgamento daqueles que as escrevem. Como o nome diz, é um gênero produzido na área jornalística para ser publicado em jornais e revistas impressas ou virtuais. Algumas vezes, o artigo de opinião também pode ser lido em jornais televisivos ou radiofônicos.

Conforme as autoras definiram, o artigo de opinião é um gênero que está presente em jornais e revistas, todavia, em concordância com o que afirmamos no capítulo anterior, atualmente, esse gênero textual está presente em outros meios de comunicação: sites, portais, blogs etc. Nesta pesquisa, em especial, trataremos sobre o artigo de opinião no meio escolar, isso significa que, apesar do ambiente ser diferente do qual costuma estar, e existirem adequações ao contexto pedagógico, a estrutura, geralmente, pauta-se nos modelos que circulam nos jornais e revistas.

Primeiramente, é importante destacar que o artigo de opinião é um gênero dissertativo-argumentativo; dissertativo porque o articulista precisa expor suas ideias, suas opiniões, e argumentativo porque, ao mesmo tempo em que ele expõe as suas opiniões, também argumenta como forma de defender o seu posicionamento, de esclarecer o porquê de ser contra ou a favor ao tema ali exposto. Segundo Koch (2011, p. 17, grifos da autora):

Como ser dotado de razão e vontade, o homem, constantemente, avalia, julga, critica, isto é, forma juízos de valor. (...) por meio do discurso --- ação verbal dotada de intencionalidade --- tenta influir sobre o comportamento do outro ou fazer com que compartilhe determinadas de suas opiniões. É por esta razão que se pode afirmar que o **ato de argumentar**, isto é, de orientar um discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental, pois a **todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia** (...).

De acordo com a autora, somos seres dotados de razão e vontade, avaliamos, julgamos, criticamos tudo aquilo que está em nossa volta, seja de forma positiva ou negativa, mas sempre expomos o nosso ponto de vista tomando como base o que achamos certo ou errado, ou seja,

formamos juízo de valor baseados no que aprendemos ao longo das nossas vivências. Isso acontece quando lemos ou assistimos alguma notícia que nos impacta de alguma forma, quando estamos conversando com alguém e a outra pessoa se posiciona sobre algo ou pede a nossa opinião. Logo, emitimos nossa opinião diariamente, no momento do debate da escola ou faculdade, na reunião de professores quando se tem de escolher um livro didático ou planejamento das aulas, quando conversamos com outras pessoas, quando estamos na internet, argumentamos em todos os momentos. No artigo de opinião também é possível expor o nosso ponto de vista e defendê-lo.

A diferença do artigo de opinião do meio escolar para o artigo de opinião do meio jornalístico é que neste o articulista produz a sua opinião tendo em vista diversas pessoas, de diversos níveis de escolaridade e formações culturais. Já o artigo de opinião no meio escolar, o aluno, geralmente, destina a sua opinião tendo em vista o seu professor (a). A estrutura basilar desse gênero é a mesma, constituída por três momentos: a introdução, no qual o articulista inicia a sua argumentação (situação-problema); em seguida, o desenvolvimento (discussão), ou seja, a parte em que o autor expõe a sua opinião por meio da argumentação; e por fim, a conclusão (solução-avaliação), na qual o autor finalizará o seu argumento com a exposição de possíveis soluções para o problema que foi disposto em seu artigo. No tópico seguinte, explicaremos melhor essa estrutura, tomando como base as contribuições das autoras Köche e Marinello (2015).

3.1 A estrutura do artigo de opinião

O artigo de opinião pode, conforme as autoras Köche e Marinello (2015), se estruturar em: situação-problema, discussão e solução-avaliação. A *situação-problema* põe o tema a ser desenvolvido para orientar o leitor quanto ao que há de vir nas demais partes do texto. A *discussão*, de acordo com as autoras, apresenta os argumentos e elabora a opinião em relação à questão analisada. É nesse momento que o artigo de opinião se vale de fatos concretos, dados e exemplos, fazendo uso de sequências explicativas e descritivas para evitar “abstrações”. E por fim, A *solução-avaliação*, momento que torna evidente “a resposta à questão proposta. Pode haver a reafirmação da posição assumida ou a apreciação do assunto abordado” (KÖCHE; MARINELLO, 2015. p. 105, grifos das autoras). Sendo assim, o articulista formula a sua

opinião de acordo com o tema que lhe inquietou, fazendo uso da argumentação e recursos linguísticos para sustentar o seu ponto de vista.

O texto do artigo de opinião é construído com o propósito de convencer o outro de que seus argumentos são válidos. Segundo Casseb-Galvão e Duarte (2018, p. 39), nesse gênero objetiva-se influenciar por meio de argumentos “capazes de transformar valores a favor da posição assumida pelo articulista (...), há uma constante operação de sustentação do ponto de vista do autor (...)”. Para que o articulista consiga sustentar o seu ponto de vista, será necessário que ele tenha conhecimento sobre a temática, a fim de construir uma boa argumentação.

Bakhtin (1997) fala que os gêneros se constituem a partir de três elementos: o primeiro é o conteúdo temático, o segundo é o estilo verbal, e por fim, a construção composicional. Esses elementos, segundo ele, se unem indissolivelmente no enunciado todo, ou seja, não se separam, tornando-se um só em sua composição, e são marcados pela especificidade de uma determinada esfera de comunicação, esfera da atividade humana. No artigo de opinião, objeto deste estudo, o tema emerge a partir da apreciação de valor do autor. De acordo com Rojo e Barbosa (2015, p. 88), “O tema é o sentido de um dado texto tomado como um todo, ‘único e irrepetível’, justamente porque se encontra viabilizado pela refração da apreciação de valor do locutor no momento de sua produção”. Ou seja, conforme as autoras, o texto é todo produzido a partir da avaliação dada pelo autor, e essa produção textual é realizada a fim de refletir a temática. O estilo textual, segundo Bakhtin (1997), é inseparavelmente ligado às unidades temáticas definidas e, o que é especialmente importante, a unidades composicionais, como o tipo de estruturação e conclusão como um todo, o tipo de relação entre o autor/locutor e leitor/ouvinte, “(...) selecionamos as palavras segundo as especificidades de um gênero”. (BAKHTIN, 1997. p. 312). A composição, conforme Rojo e Barbosa (2015), é a organização e o acabamento do texto como um todo. Encontra-se relacionada “(...) ao que a teoria textual chama de ‘(macro/super) estrutura’ do texto, à progressão temática, à coerência e coesão do texto”. (ROJO; BARBOSA, 2015. p. 94).

3.1.1 Tipos de argumentos usados no artigo de opinião

Há vários tipos de argumentos que, de acordo com Köche, Pavani, Boff (2013), o articulista pode usar no seu artigo com o propósito de defender o seu ponto de vista, são eles:

O *argumento de autoridade*: pelo qual o articulista utiliza a citação de autoridades no assunto ou de autores renomados, com o propósito de comprovar a sua ideia, um ponto de vista ou uma tese. Sua aplicação torna o discurso mais consistente, visto que outras vozes corroboram o que o produtor de texto quer defender. (Grifos das autoras).

Exemplo de argumento de autoridade

“Nas palavras do atual Ministro Alexandre de Moraes: a liberdade de expressão constitui um dos fundamentos essenciais de uma sociedade democrática e compreende não somente a informações consideradas como inofensivas, indiferentes ou favoráveis, mas também aquelas que possam causar transtornos, resistência, inquietar pessoas, pois a democracia somente existe a partir da consagração do pluralismo de ideia e pensamento, da tolerância de opiniões e do espírito aberto ao diálogo”. (Trecho do artigo de opinião das autoras Bertoncini e Honda, 2020)

Já o *argumento de consenso*, o autor faz uso de preposições evidentes por si mesmas ou universalmente aceitas como verdadeiras. Por exemplo, quando afirmam que a educação carece de investimentos, essa afirmação será aceita como verdade por todos. (Grifos das autoras).

Exemplo de argumento de consenso

“A cultura do cancelamento tem chamado a atenção, principalmente nas redes sociais, por tratar-se de uma onda que incentiva pessoas a deixarem de apoiar determinadas personalidades ou empresas, públicas ou não, do meio artístico ou não, em razão de erro ou conduta reprovável. Nos termos da definição da palavra “cancelar”, a ideia do movimento é literalmente “eliminar” e “tornar sem efeito” o agente do erro ou conduta tidos como reprováveis”. (Trecho do artigo de opinião das autoras Bertoncini e Honda, 2020)

O *argumento de provas concretas* se dá através da exposição de fatos, dados estatísticos, exemplos e ilustrações com o intuito de comprovar a veracidade do que se expressa. (Grifos das autoras).

Exemplo de argumento de provas concretas

“Um dos exemplos recentes da cultura do cancelamento nas redes sociais foi ocorrido com uma digital influencer do mundo fitness que, durante a pandemia e o isolamento social, meses após ser diagnosticada e “se curar” do coronavírus, reuniu alguns amigos em sua casa, fazendo publicações da “festinha”. A anfitriã foi imediatamente cancelada nas redes sociais, com a consequente perda de diversas parcerias e rescisão de contratos. E apesar do pedido de desculpas e reconhecimento do erro, o cancelamento se manteve, beirando o linchamento virtual e fazendo com que ela desativasse seu perfil em uma de suas redes sociais”. (Trecho do artigo de opinião das autoras Bertoncini e Honda, 2020)

Argumento de competência linguística: esse tipo de argumento ocorre pelo uso de uma linguagem adequada à situação de interlocução. A escolha das locuções, dos vocábulos e formas verbais, entre outros aspectos linguísticos, é fundamental para que haja interação entre o autor e o seu leitor. (Grifos das autoras).

Exemplo de argumento de competência linguística

“Ocorre que, especificamente com relação à cultura do cancelamento, e ao contrário do Direito em que há um devido processo legal para justificar uma punição ou não, o "tribunal da Internet" não costuma oportunizar sequer o exercício do contraditório. Na maioria das vezes, aliás, a cultura do cancelamento costuma ter efeitos imediatos, onde a onda de boicote tem início tão logo o erro ou conduta tidos como reprováveis são notados e expostos. Tal imediatismo, porém, traz à tona certa intolerância e muita polarização, demonstrando assim que a sanção antecede a defesa. Dessa forma, o ambiente virtual torna-se hostil, seletivo e, por vezes, injusto”. (Trecho do artigo de opinião das autoras Bertoncini e Honda, 2020)

Geralmente a argumentação utilizada no meio escolar para a elaboração do artigo de opinião é a argumentação de consenso, a argumentação de provas concretas e a argumentação de competência linguística, articuladas pela terceira pessoa do singular ou pela primeira pessoa do plural do presente do indicativo.

3.1.2 Leitura e produção textual: habilidades que se complementam

Produzimos um texto quando queremos transmitir algo, ou seja, todo texto tem um propósito comunicativo (ANTUNES, 2010), atende a um determinado objetivo, e, portanto, produzi-lo não é simplesmente codificá-lo, mas consiste em uma complexidade de construção de sentidos (MARCUSCHI, 2008). Sendo assim, toda produção textual deve ser realizada seguindo as regras do gênero em questão, tendo em si um sentido para que o leitor possa compreendê-la.

E para isso, o texto deve estar coerente e coeso. Koch (2018) define a coesão como o fenômeno linguístico responsável por deixar todos os elementos linguísticos interligados entre si; para Antunes (2017), coesão é uma conexão sequencial que se manifesta superficialmente no texto, ou seja, é perceptível ao leitor. Já a coerência é, de acordo com Antunes (2017, p. 46), “a propriedade que deixa o texto na condição de um todo interpretável”. Enquanto pela coesão percebemos que os elementos textuais estão articulados e conectados, pela coerência

compreendemos o que o autor quer nos dizer pelo seu texto, entendemos o sentido que aquela produção textual nos passa.

Para uma boa coesão na produção textual do artigo de opinião, o autor deve compor a sua opinião a partir da orientação temática ali proposta, suas ideias e opiniões devem estar relacionadas ao tema, e para isso, antes de iniciar a sua produção, ele processa a informação obtida a partir do tema exposto. Esse processo de informação ocorre por meio da análise estratégica que, conforme Koch (2018, p. 35), não depende somente de características textuais, mas também depende das características dos usuários da língua, “tais como seus objetivos, convicções e conhecimento de mundo (...)”. Ou seja, o produtor de texto obtém informações a partir daquilo que foi lido, processa mentalmente aquela informação e a partir do seu conhecimento linguístico e do seu conhecimento de mundo ele produzirá o seu texto, expondo, no caso do artigo de opinião, as suas opiniões e convicções sobre aquele tema.

Pela coerência ocorre, segundo Antunes (2017), um “jogo” de interação, no qual o autor produz um texto buscando produzir um sentido no que se escreve, e quem ler busca compreender o que foi escrito, busca interpretar o que é transmitido pelo texto. Embora a coerência esteja estreitamente ligada à coesão, porque o sentido do texto advém, na maior parte, da sua organização, compreendemos esse sentido não somente por causa dessa organização linguística, mas também pelo nosso conhecimento enciclopédico, ou seja, nosso conhecimento de mundo. Conforme Antunes (2017, p. 46), “a coerência de um texto é recuperada com base em nosso conhecimento de mundo, (...) e no repertório vocabular que conseguimos desenvolver ao longo da vida”. Sem o nosso conhecimento de mundo, o qual adquirimos pela nossa experiência de vida, e sem o nosso conhecimento linguístico, não seria possível compreender o que leríamos, não daríamos um significado ao texto, não haveria sentido algum, pois, a coerência, não está propriamente no texto, mas ela se constrói a partir dele (KOCH, 2018).

A construção de sentidos no texto ocorre, também, pelo uso da coesão. É por meio dela que o autor deixa pistas para que o leitor compreenda o que está sendo dito. Essas pistas ocorrem pelo uso de referências trazidas dentro do texto, as informações implícitas ou expressas, tudo o que nos indica a intenção do autor, e através disso percebemos se o produtor textual redigiu o seu texto dentro da temática ali exposta. Compreendemos esse sentido, também, pelo uso de alguns conectivos textuais, como, por exemplo, as preposições e as conjunções, que, de acordo com Antunes (2017), indicam os pontos de conexão dentro do texto. O autor pode produzir o sentido de oposição, por exemplo, quando ele faz uso da conjunção adversativa “mas” para dar uma ideia de contrariedade. Portanto, o uso dos conectivos é importante, porque eles “indicam

o rumo que o texto vai tomando em direção ao seu final” (ANTUNES, 2017. p. 58), e assim, facilitará a compreensão do leitor.

Antes de produzir um texto, lemos o que nos está sendo solicitado, interpretamos, analisamos e depois iniciamos a nossa produção textual. Sabemos que escrever é importante para interagirmos socialmente, mas para que possamos escrever um bom texto é necessário praticar a escrita e a leitura. Sobre isso, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) expõe que “o eixo leitura compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação”. (BRASIL, 2017, p. 71). Assim, ler é uma prática interativa necessária que condiciona a produção textual, só é possível interagir com o texto a partir da leitura, como também, só é possível redigir um bom texto se, primeiramente, compreender a sua temática por meio da leitura.

Quanto mais lemos mais desenvolvemos a nossa capacidade de interpretar o que está escrito, pois, conforme Cosson (2018), somos constituídos de vários corpos, e eles se somam ao nosso corpo físico, dentre desses corpos temos um corpo linguagem que, conforme o autor “(...) é feito das palavras com que o exercitamos, quanto mais eu uso a língua, maior é o meu corpo linguagem e, por extensão, maior é o meu mundo” (2018, p.16). Ou seja, o nosso “corpo linguagem” é feito das palavras que utilizamos, e quanto mais eu uso a língua mais evoluído ele ficará. Assim, quanto mais utilizamos a linguagem, quanto mais lermos, mais saberemos dizer e como dizer aquilo que queremos, seja por meio da escrita ou da oralidade. Ainda segundo o autor, exercitamos a linguagem diariamente de diversos modos em toda a nossa vida, e por isso atuamos no mundo por meio da palavra, por meio da linguagem e por meio da escrita.

É sabido que o aluno do ensino médio, às vezes, acha complexo produzir um texto porque sente dificuldade de interpretar o que lhe está sendo solicitado, e por não conseguir interpretar, não consegue escrever de forma coesa, e por vezes, até foge da temática ali proposta. A produção de um artigo de opinião se torna dificultosa, algumas vezes, pela falta de informação que o aluno tem da temática ou até mesmo por ele não saber como argumentar e defender seu ponto de vista. São vários os saberes e práticas que necessitam de atenção, todavia, para diminuir as dificuldades diante dessa produção, o professor (a) deve, além de incentivar a leitura, esclarecer ao aluno que a leitura é, de acordo com Kleiman (2016, p. 34), “uma interlocução tal qual outras atividades de linguagem (...). Mantendo em mente que o fato de que tanto o texto oral quanto o texto escrito são produtos de uma intencionalidade (...)”. Em síntese,

o aluno precisa entender que a leitura é um diálogo com o texto, o qual foi escrito por alguém com um propósito de influenciar, de opinar, de persuadir.

Produzir um texto dissertativo-argumentativo requer que o aluno tenha conhecimentos dos assuntos que circulam na sociedade, assuntos estes que muitas das vezes são polêmicos. Por exemplo, obter uma boa pontuação no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) é o objetivo de muitas pessoas, a fim de entrar numa universidade/faculdade. Contudo, a prova de redação, para muitos, é complexa, pois exige que os/as candidatos (as) redijam um texto dissertativo-argumentativo a partir da temática proposta, respeitando as regras exigidas pelo exame. E para isso, o/a candidato (a) não só precisa ter conhecimento sobre as temáticas atuais, como também, interpretar corretamente o texto exposto e dominar diferentes competências linguístico-discursivas. Para tanto, a leitura e a interpretação textual se fazem fundamentais. Então, para que o aluno escreva dentro da temática, é preciso que, não somente o professor, mas também a sua família o incentive a buscar sempre praticar a leitura, pois, conforme Antunes (2009, p. 193), “(...) pela leitura promovemos nossa entrada nesse grande e ininterrupto diálogo empreendido pelo homem, agora e desde que o mundo é mundo”.

É através da leitura que construímos conhecimento que facilitam a produção textual. Mas ler não significa passar os olhos sobre as letras presentes no texto, ler exige de nós a capacidade de interpretação, captar o que está sendo transmitido. Sobre isso, Rojo (2009, p.74) afirma:

Ler envolve diversos procedimentos e capacidades (perceptuais, motoras, cognitivas, afetivas, sociais, discursivas, linguísticas), todas dependentes da situação e das finalidades de leitura, algumas delas denominadas em algumas teorias de leitura, estratégias (cognitivas, metacognitivas).

Assim, para ler um texto é preciso decifrar o seu sentido, em seguida interpretá-lo, levando em conta as inferências que o aluno realiza a partir do seu conhecimento de mundo. Ler e produzir um texto são práticas interligadas, mesmo que o aluno escreva bem, obedecendo todas as regras da gramática, mas se ele não souber interpretar o texto, não escreverá adequadamente o gênero textual. É necessário que dentro da sala de aula, essas práticas sejam desenvolvidas concomitantemente, para que assim, a escrita e a leitura sejam, conforme Rangel e Machado (2012, p. 2), “(...) bem feitas, no sentido de levar à compreensão do escritor e do leitor, configuram-se como grandes conquistas a serem realizadas também no espaço escolar, visto que esse é um espaço de conhecimento formal e sistematizado”. Portanto, a prática de uma

boa leitura e uma boa escrita é essencial para uma boa produção textual, seguindo as regras do gênero em questão e facilitando a compreensão do leitor.

4 METODOLOGIA

Este capítulo tem por finalidade apresentar a natureza e a abordagem adotada nesta pesquisa, assim como, os métodos adotados para a geração de dados com base nos objetivos expostos a seguir. Portanto, trataremos dos procedimentos metodológicos para a realização da análise dos dados, realizados a partir da hipótese e dos objetivos propostos nesta pesquisa, bem como apresentar, por meio das análises, a importância de se trabalhar com o gênero textual artigo de opinião.

Reforçamos que o objetivo da nossa pesquisa é expor de que forma a produção textual do artigo de opinião pode contribuir para o desenvolvimento do olhar crítico dos alunos no ensino médio, visto que trabalhar com esse gênero discursivo-argumentativo pode não apenas desenvolver a criticidade, como, também, é possível:

(...) potencializar a capacidade de o aluno interagir com o texto, compreender seu funcionamento, seu processo de construção de sentido e sua estruturação. Isso certamente contribuirá para a formação de um leitor crítico, ativo e participativo, capaz de interpretar e reconhecer mecanismos que atendam, ou não, às suas necessidades de leitor e produtor de texto. (GALVÃO; DUARTE, 2018, p. 15).

Dessa forma, por meio da intervenção, buscaremos tornar o ensino do gênero artigo de opinião mais significativo, de forma a tornar mais ativa a participação dos educandos, e com isso, desenvolver ainda a compreensão deles sobre o funcionamento do gênero em questão, como também, a sua estrutura e a construção dos sentidos que o atravessam. Apresentaremos, a seguir, a natureza da nossa pesquisa, como ocorreu a geração de dados e a sistemática da análise das produções textuais realizadas pelos alunos do 2º ano do ensino médio.

4.1 Natureza da Pesquisa

Esta pesquisa está situada no paradigma interpretativista, pois, segundo Saccol (2009), este tipo de paradigma assume que o resultado de uma investigação se dá através da interpretação do pesquisador sobre as interpretações dos sujeitos participantes de certo fenômeno. Ainda, neste paradigma, de acordo com a autora, a pesquisa é situada, pois ela ocorre no contexto real, levando em conta as suas particularidades. Trata-se de uma pesquisa de caráter explicativo, visto que busca, conforme Prodanov e Freitas (2013), explicar as causas e os

porquês das coisas através das análises e da interpretação dos fenômenos observados. Gil (2002) complementa ao afirmar que esse tipo de pesquisa possui uma preocupação central em identificar os fatores determinantes ou fatores contribuintes para a ocorrência de determinados fenômenos.

De natureza aplicada, esta pesquisa objetiva produzir conhecimentos para a sua aplicação prática direcionada à solução de problemas específicos (PRODANOV; FREITAS, 2013). Já no tocante à abordagem, é quanti-qualitativa, visto que possui traços de base quantitativa, pois, de acordo com Prodanov e Freitas, esse tipo de pesquisa traduz as opiniões e informações em números, mas sendo predominantemente qualitativa, dado que o pesquisador tem o ambiente como fonte direta dos dados, mantendo contato direto com o objeto de estudo. Saccol (2009) ratifica que se pode utilizar a base quantitativa como forma de complementar a análise de uma pesquisa qualitativa, pois, de acordo com ela, não existem técnicas ou estratégias exclusivas de investigação, desde que sejam aplicadas com coerência, as técnicas quanti-qualitativa podem ser utilizadas, uma vez que ambas “contribuem com o objetivo básico da pesquisa científica (...)”. (SACCOL, 2009. p. 254)

Quanto aos procedimentos, primeiramente, caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, pois, segundo Gil (2002), este tipo de pesquisa desenvolve-se tendo por base materiais já existentes. Esta pesquisa por base teórica fundamentada nos documentos educacionais, como a Base Comum Curricular (BNCC) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Posteriormente, foi desenvolvida uma pesquisa-ação, na qual, de acordo com Prodanov e Freitas (2013, p. 65), realiza-se em “estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo. Os pesquisadores e os participantes (...) estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo”. Foi necessário mobilizar este procedimento, visto a necessidade da intervenção da pesquisadora em sala de aula remota.

Desse modo, essa geração ocorreu por meio de atividades de leitura, exposição oral, compreensão e produção textual, as quais possibilitaram um contato direto com os participantes, corroborando que o observador e seus instrumentos efetivam um papel ativo na coleta, análise e interpretação dos dados (GIL, 2002).

4.2 Geração de dados

A geração de dados foi realizada em duas semanas, entre os dias 20 de abril a 26 de abril de 2021, com encontros assíncronos e síncronos por meio de ferramentas digitais, em uma escola da rede pública de ensino, localizada no litoral norte da Paraíba, em uma turma do 2º ano do ensino médio, a qual possui um número em torno de sessenta alunos.

Elaboramos um plano de intervenção a partir dos objetivos já citados, possibilitando não somente a geração de dados, mas também contribuindo, de alguma forma, com a reflexão acerca do ensino de língua portuguesa, com relação ao professor, e também para o aprendizado dos alunos, pois segundo Casseb-Galvão e Duarte,

(...) é possível intervir na realidade escolar com qualidade, através de aulas baseadas em princípios teóricos consistentes e úteis para o professor e que lhe ofereçam aporte metodológico para agir em sala de aula de maneira significativa. Do ponto de vista do aluno, essa intervenção se efetiva na sugestão de atividades produtivas para sua formação intelectual e social, permitindo-lhe participar do seu processo educativo, de modo a compreender criticamente a realidade social, a reconhecer diferentes pontos de vista, e a desenvolver a própria competência argumentativa. (2018. p. 21).

Dessa forma, foram necessárias duas semanas de aula de língua portuguesa, ocorridas através da modalidade remoto emergencial, divididas em quatro momentos: o primeiro momento ocorreu de forma assíncrona, pelo uso do aplicativo Whatsapp, pelo qual houve uma breve apresentação da pesquisadora e das atividades que seriam realizadas pelos alunos, pois, conforme Antunes (2005), os alunos precisam compreender o que acontece em sala de aula, eles precisam “saber avaliar a relevância do que está sendo proposto como ensino e de como este ensino está sendo feito”. (ANTUNES, 2005. p. 26). Ou seja, segundo a autora, é importante explicar aos alunos o que será ensinado em sala de aula, para que assim eles compreendam a importância do que vai ser ensinado, de como será ensinado e a importância das atividades que serão encaminhadas, e o modo como essas atividades devem ser realizadas.

A apresentação da pesquisadora e das atividades se deu nos quatro grupos da turma do 2º ano médio, divididos em 2º ano A, composto de trinta e dois alunos, 2º ano B, com trinta e um alunos, 2º ano C, com vinte e nove alunos e 2º ano D, com trinta alunos. Após as apresentações, foi encaminhado para a leitura dos alunos um artigo de opinião retirado do site Migalhas (www.migalhas.com.br), intitulado *O “Tribunal da internet” e os efeitos da cultura do cancelamento* (em anexo), das autoras Thays Bertoncini da Silva e Erica Marie Viterito Honda,

e também um questionário com um total de cinco perguntas, duas discursivas e três objetivas sobre o artigo de opinião e sobre o próprio gênero mencionado.

No segundo momento ocorreu um encontro síncrono, por meio do qual foram mostrados e discutidos com os estudantes, os pontos de vista apresentados pelas articulistas no artigo de opinião lido no primeiro momento, como também, o posicionamento adotado sobre a temática. Nesta discussão foi perguntado aos estudantes se eles concordavam ou não com a opinião das articulistas e o que eles pensavam a respeito. Isso foi necessário para que houvesse uma maior participação e interação dos alunos, pois, de acordo com Rojo (2020), as aulas se tornam mais interessantes se o professor (a) compartilhar o protagonismo com os (as) alunos (as) lhes possibilitando participar como criadores. E assim, “a interação ficará mais fluida e haverá maior participação, seja pelo chat, seja pela própria discussão oral”. (ROJO, 2020. p. 41).

Após a discussão, falamos sobre a definição do gênero textual artigo de opinião, em seguida explicamos as suas principais características e a sua funcionalidade; também expomos e definimos os operadores argumentativos mais usados neste gênero, dando exemplos de operadores presentes no artigo de opinião lido anteriormente; e, por fim, entregamos a proposta de produção textual (em apêndice), na qual continha diferentes gêneros de texto, divididos da seguinte maneira: o primeiro, foi uma charge retratando as consequências do retorno das aulas presenciais no contexto pandêmico; o segundo, foi um vídeo de uma entrevista de um médico ao programa *Balanço diário*, presente no canal *Diário do sertão*, no YouTube, o qual falava sobre retorno das aulas presenciais; e o último texto foi uma reportagem do G1, que informava sobre a falta de água para a higiene das mãos dos alunos e a falta de ventilação nas salas de aulas.

Expusemos três exemplares de gêneros textuais distintos como forma dos alunos refletirem sobre a temática a partir da sua leitura, pois, conforme os PCN+ Ensino médio: “No plano da escrita, espera-se que, durante a leitura, o aluno interaja com o texto de tal forma que possa produzir respostas a perguntas formuladas e, assim, consolidar progressivamente seu texto escrito”. (BRASIL, 2002. p. 65). Por isso, dispor de diferentes textos, segundo os PCN+ Ensino médio possibilita que o aluno além de interagir com os textos, permite, também, que o discente formule à sua opinião a partir das informações obtidas.

O terceiro momento foi para a produção do artigo de opinião dos alunos, seguindo o tema proposto e conforme a estrutura do gênero. Os alunos realizaram a produção textual em suas residências, visto que as aulas estão ocorrendo de forma remota. Estipulamos o prazo para

a entrega das produções textuais em dois dias, podendo ser enviado via e-mail ou por meio do aplicativo Whatsapp, pelo envio de fotos legíveis. No quarto momento, ocorreu a avaliação das produções dos alunos e, após isso, foi dada a devolutiva aos alunos e à professora titular, com o intuito de contribuir no aprofundamento do estudo do gênero artigo de opinião.

O *corpus* deste estudo é constituído por meio das duas atividades realizadas pelos alunos, o questionário e as produções de artigo de opinião, cujo tema proposto foi com base na seguinte pergunta *Você é a favor do retorno das aulas presenciais?* A escolha desse tema foi com base nas constantes notícias sobre o retorno das aulas presenciais perante o contexto pandêmico do Covid-19. Segundo o jornal eletrônico da UOL, em 2021, pelo menos quinze estados cogitam em adotar o retorno das aulas presenciais de forma híbrida, ou seja, parte presencial e parte ensino remoto, ainda segundo a UOL, as creches voltarão cem por cento às aulas presenciais¹.

Assim, como a elaboração do artigo de opinião tem por base assuntos polêmicos e atuais na sociedade, decidimos questionar os alunos sobre o que eles acham disso, pois temas polêmicos, segundo Casseb-Galvão e Duarte (2018), servem como “forças provocadoras” para a produção do artigo de opinião, ou seja, é uma forma de provocar a reflexão dos alunos sobre o assunto.

Após serem realizadas as etapas acima, e ao recebermos e lermos as produções textuais dos alunos, notamos que alguns tiveram dificuldades em produzir o artigo de opinião conforme a sua estrutura, bem como, também, em relação a outros aspectos linguístico-discursivos, sendo necessário solicitar a reescrita. Com relação a isso, Antunes afirma que

(...) produzir um texto escrito não é uma tarefa que implica apenas o ato de escrever. Não começa, portanto, quando tomamos nas mãos papel e lápis. Supõe, ao contrário, várias etapas, interdependentes e complementares, que vão desde o planejamento, passando pela escrita propriamente, até o momento posterior da revisão e da reescrita. (2003, p. 54)

Assim, no dia 14 de maio de 2021, foi encaminhado aos alunos as suas respectivas produções com alguns apontamentos, para que eles compreendessem o que devia ser reescrito, como também, foi encaminhado uma proposta de reescrita (em apêndice) com explicações em passo a passo, com sugestões de como o artigo de opinião deveria ser produzido, utilizando

¹ Disponível em <<https://educacao.uol.com.br/noticias/2021/01/04/previsao-de-retomada-presencial-das-aulas-em-2021.htm>>

como exemplo, um artigo de opinião intitulado “*A viralização do senso comum*”², retirado do site “Observatório da imprensa”, apontando como deveria ser elaborado o título, a introdução, o desenvolvimento e conclusão do artigo de opinião.

4.3 Sistemática da análise

Neste subtópico explicaremos como foram escolhidas e analisadas as respostas obtidas no questionário e como se deu a análise das produções textuais. Esclarecemos que poucos alunos responderam ao questionário no Google Forms, e também, poucos produziram o artigo de opinião solicitado. Ao todo foram 9 alunos (as) que responderam ao questionário, mas 1 aluno não nos permitiu divulgar a sua resposta, sendo assim, divulgamos as oito respostas obtidas; 9 alunos (as) produziram o artigo de opinião e somente 2 realizaram a reescrita da produção textual.

Após a geração de dados, realizamos as análises desta pesquisa, que ocorreu, primeiramente, pela análise das respostas obtidas no questionário no Google Forms, como forma de verificar a leitura e o entendimento dos alunos sobre o artigo de opinião disponibilizado, como também, o conhecimento deles a respeito desse gênero textual.

Em seguida, efetivamos a análise das produções realizadas pelos alunos, sobre isso, Gil (2002) expõe que há diversas técnicas para a coleta de dados numa pesquisa-ação, dentre essas técnicas pode-se utilizar a análise de conteúdo. Portanto, nesta pesquisa foi adotada esse tipo de técnica como forma de verificar e expor a importância de se trabalhar com este gênero nas aulas de língua portuguesa. As produções textuais foram analisadas seguindo alguns critérios de avaliação

Critério 1: Norma Culta (2 pontos)

Critério 2: Temática e estrutura do artigo de opinião (2 pontos)

Critério 3: Coerência (2 pontos)

Critério 4: Coesão (2 pontos)

Critério 5: Conclusão (2 pontos)

² Disponível em <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/redes-sociais/a-viralizacao-do-senso-comum/>>

Quadro 1: Tabela de critérios de avaliação das produções de artigo de opinião

Critério 1: Norma Culta	Critério 2: Temática e estrutura do artigo de opinião	Critério 3: Coerência	Critério 4: Coesão	Critério 5: Conclusão	Total

Fonte: Autora, 2021.

No capítulo seguinte, inicialmente, realizamos a análise das respostas obtidas no questionário do Google Forms, pois o intuito para a elaboração do questionário foi sondar a leitura do artigo encaminhado e o conhecimento dos alunos sobre o gênero artigo de opinião. Analisamos não somente as respostas e as produções textuais, mas todo o processo, desde a primeira semana à última. Para isso, organizamos as análises a partir dos tópicos de cada etapa da intervenção, sendo eles: 1º momento (diagnóstico inicial), 2º momento (interação síncrona), 3º momento (produção inicial do gênero artigo de opinião), e, 4º momento (Reescrita)

No 1º momento (diagnóstico inicial), relatamos como foi gerado o primeiro dado para análise, após isso, iniciamos com a análise das respostas obtidas no questionário do Google Forms. Para a análise desse questionário, iniciamos com as perguntas seguidas das respostas, a saber: nas cinco questões, expusemos as oito respostas mediante os gráficos, como forma de mostrar as porcentagens das respostas. No 2º momento (interação síncrona), descrevemos como ocorreu a leitura e o debate do artigo de opinião lido, e no 3º momento (produção inicial do gênero artigo de opinião), descrevemos como se deu as produções textuais, e, em seguida, analisamos as produções. Para essa análise, selecionamos duas produções, as quais, mais tarde, foram submetidas à reescrita. Expusemos esses textos com os apontamentos que realizamos a fim de indicar o que poderia ser melhorado e reescrito, e por fim, no 4º momento (Reescrita), descrevemos como ocorreu a reescrita.

Esclarecemos que o questionário foi respondido de forma anônima. Com relação as produções textuais do artigo de opinião, assim como o questionário, como forma de manter a

identidade dos (as) alunos (as) anônima, identificamos cada produção analisada denominando os/as alunos (as) como aluno (a) A e aluno (a) B.

5 ANÁLISE

Nesse capítulo, primeiramente, descrevemos como ocorreu a interação com os/as alunos (as) em cada etapa da intervenção desta pesquisa, logo após, apresentamos a análise das respostas obtidas no questionário do Google Forms. Estas respostas foram exibidas por meio de gráficos, os quais foram analisados a partir das porcentagens obtidas.

Em seguida, apresentamos a análise das produções textuais e de suas respectivas reescritas, para isso, dividimos as produções em três momentos: a introdução, o desenvolvimento e a conclusão. A análise ocorreu conforme a divisão que realizamos, e na análise da reescrita, apresentamos trechos da primeira produção, seguido do trecho reescrito, como forma de apresentar com clareza as melhorias textuais obtidas.

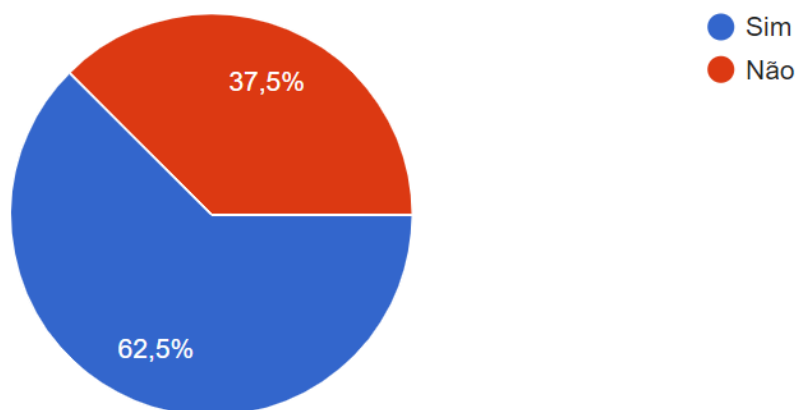
5.1 Diagnóstico inicial

No primeiro momento, a interação com os alunos ocorreu de forma assíncrona, através de mensagem pelo aplicativo Whatsapp, as turmas eram divididas em grupos, sendo 4 grupos ao todo, 2 ano A, 2 ano B, 2 ano C e 2 ano D. A pesquisadora se apresentou em cada grupo, escrevendo o seu nome, o curso e o campus da qual faz parte. Em seguida, explicou do que se tratava a sua pesquisa, como também, esclareceu aos alunos que precisaria da participação deles. Após a apresentação, foi solicitado que os alunos lessem o artigo de opinião ‘O “Tribunal da internet” e os efeitos da cultura do cancelamento’, e após isso, solicitou-se que eles respondessem ao questionário e informou o prazo que teriam para cumprimento dessas tarefas. Em seguida, foi colocado em cada grupo da turma, o artigo de opinião a ser lido, no formato de PDF e o link do questionário a ser respondido. Também nos colocamos à disposição ao esclarecimento de dúvidas, caso houvesse.

A seguir, as perguntas presentes no referido questionário, como também as respostas de cada um deles.

1. Além do artigo de opinião que você acabou de ler, você já tinha lido algum exemplar desse gênero textual antes?

Gráfico 1- Porcentagem da resposta da questão de número 1



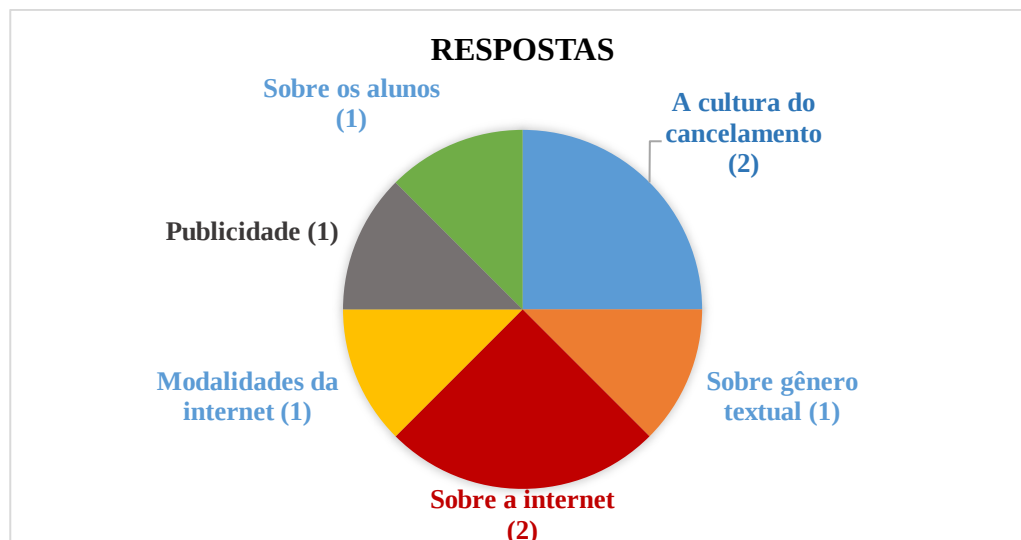
Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Com base no gráfico, constatamos que mais da metade dos participantes (5 alunos) já haviam lido o gênero artigo de opinião, enquanto os outros 37,5% (3 alunos) não leram. Isso mostra que esse gênero textual ainda é pouco usado nas aulas de língua portuguesa, visto que ainda há alunos (as) que não o conhecem. Isso acontece porque em algumas escolas, conforme Antunes (2009, p. 185), “(...) por incrível que pareça, o livro (ou materiais escritos, de diferentes gêneros e suportes) ainda não é, em todas as escolas, o centro das atividades pedagógicas, nem mesmo daquelas atividades ligadas ao ensino de língua (...)”. Ou seja, em algumas escolas, segundo a autora, o uso de diferentes gêneros é pouco usado no ensino da língua, desse modo, possivelmente explica-se o porquê de alguns alunos (as) não terem o contato com o gênero textual artigo de opinião.

O ensino de língua portuguesa, conforme Geraldi (2011), deveria centralizar-se em três práticas: na prática de leitura de textos, na prática de produção textual e na análise linguística. Essas práticas, utilizadas no ensino-aprendizagem, de acordo com o estudioso, seriam formas de tentar transcender a “artificialidade que se institui na sala de aula quanto ao uso da linguagem; e, possibilitar, pelo uso não artificial da linguagem, o domínio efetivo da língua padrão em suas modalidades oral e escrita”. (GERALDI, 2011. p. 70). Assim, é importante que a escola possibilite o ensino de língua contextualizado, utilizando o artigo de opinião não somente como forma dos alunos conhecerem e usarem esse gênero, mas também, possibilitar o ensino da língua em uso.

2. Sobre o artigo de opinião que foi lido, qual a temática abordada?

Gráfico 2: Comparação das respostas da questão de número 2



Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

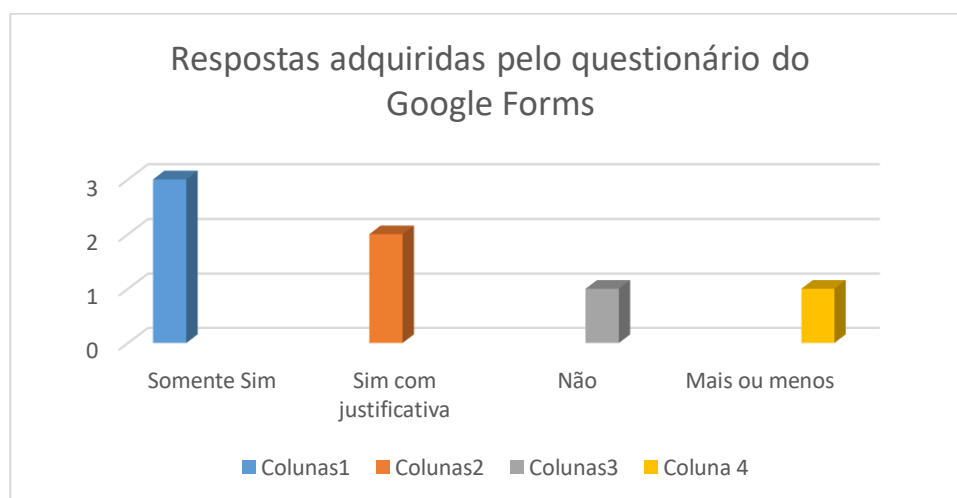
Percebemos que neste gráfico acima, destacado em azul, apenas dois alunos (as) responderam corretamente, ao contrário dos outros seis alunos (as), que responderam de maneira equivocada. Às vezes os alunos não conseguem identificar corretamente o tema abordado no texto porque eles, talvez, não o leram atentamente ou porque tiveram dificuldades em extrair o que as autoras queriam transmitir. Isso acontece porque, segundo Cosson (2018), as dificuldades de leitura estão relacionadas aos problemas da extração, isto é, a falta de habilidade do leitor em decodificar letras e palavras, “que o impende de passar de um nível a outro ou grau de transparência do texto”. (COSSON, 2018. p. 39). É necessário que o professor não apenas trabalhe com o gênero textual artigo de opinião, como também é preciso ele que incentive o aluno a praticar a leitura, lendo não apenas textos opinativos, mas também diversos outros tipos de textos, pois assim, de acordo com os PCN+ Ensino Médio:

O desenvolvimento das competências interativa, textual e gramatical não se dá de forma isolada, mas pressupõe um processo de realimentação constante: a leitura de textos literários, opinativos, publicitários, entre outros, pressupõe a mobilização de conhecimentos lingüísticos de que o aluno dispõe”; (2002, p.58).

Ou seja, o desenvolvimento de competências do aluno não ocorre de forma isolada, mas com a prática da leitura de diversos textos, quanto mais o professor incentivar os seus alunos a praticarem a leitura e dispor em sua sala de aula a leitura de diferentes textos, mais os seus alunos irão desenvolver a sua competência de interpretação textual. É importante que, nesta prática de leitura, o professor explique aos seus alunos que cada texto tem diferentes níveis de significação, podendo ser, de acordo com Koch (2011), significações explícitas e implícitas ligadas à intencionalidade do autor.

3. *Você concorda com o ponto de vista do articulista/autor? Por quê?*

Gráfico 3 – Comparação das respostas da questão de número 3



Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

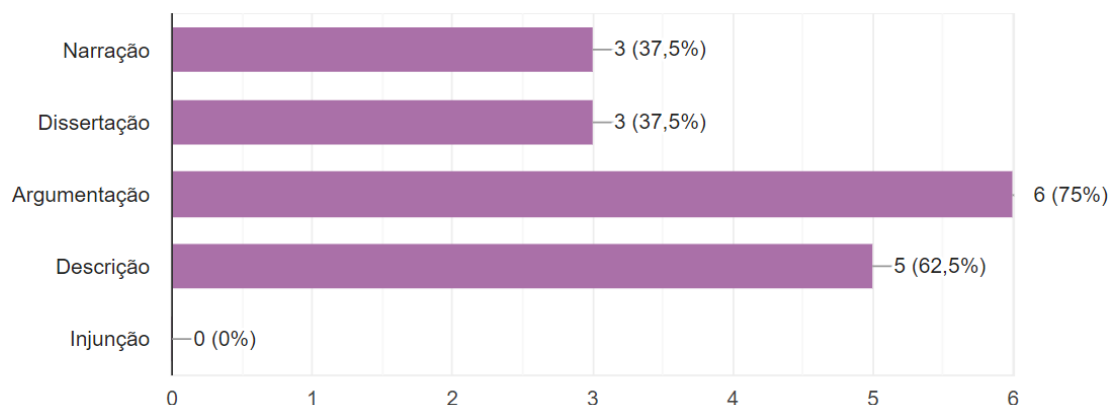
O gráfico nos mostra que apenas dois alunos justificaram o porquê concordaram com o posicionamento das autoras, enquanto nas demais colunas não houve justificativa. Ainda é recorrente os alunos apenas concordarem ou discordarem de algo sem se justificar, sem expor a sua opinião. Isso acontece porque, às vezes, o aluno não compreendeu bem o texto, ou não está habituado a justificar suas respostas ou não sabe como fazê-las. Para se trabalhar com essa questão, é importante e necessário que o docente, durante a leitura de algum texto, por exemplo, estimule que os seus discentes deem suas opiniões sobre o tema, se expressem (CASSEB-GALVÃO; DUARTE, 2018).

A prática da leitura é importante para a compreensão textual, levar para sala de aula textos de caráter opinativo é uma das formas para se trabalhar essa insegurança dos discentes de se posicionarem diante de uma questão. Sobre isso, a BNCC expõe que os alunos devem

“Analisar, em textos argumentativos, os posicionamentos assumidos, os movimentos argumentativos e os argumentos utilizados para sustentá-los, para avaliar sua força e eficácia, e posicionar-se diante da questão discutida e/ou dos argumentos utilizados (...)”. (2017, p. 498). Ou seja, uma das competências relacionada à leitura exigida pela BNCC é que o aluno analise o texto em questão, as opiniões que ali estão expostas e se posicione perante as questões levantadas. A leitura de um artigo de opinião possibilita que ocorra essa análise, mas, para isso, primeiramente, é importante que o professor leia junto com a sua turma, levante questões a respeito do texto e instigue seus alunos a opinarem sobre elas. Com essa prática, o aluno sentirá mais confiança em justificar o porquê é contra ou a favor diante de alguma indagação.

4. Quais os tipos textuais que mais se destacaram durante a leitura do artigo de opinião?

Gráfico 4 - Porcentagem da resposta da questão de número 4



Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Com base no gráfico, nota-se que maior parte dos (as) alunos (as) identificaram no artigo lido, a argumentação (75%), e a descrição (62,5%), enquanto os (as) demais (37,5%) responderam que, no artigo de opinião lido havia o tipo dissertativo e o tipo narrativo. Sabemos que, no artigo de opinião, como falamos no início desta monografia, predomina a tipologia dissertativo-argumentativa, mas, conforme as autoras Köche e Marinello (2015), em um único gênero pode haver o emprego de mais de uma tipologia. Nos gêneros textuais que têm por base a tipologia dissertativa, a descrição mostra-se nas exemplificações. Sendo assim, no artigo de opinião, a tipologia descritiva se faz presente quando o articulista traz para o seu texto uma situação em que ele tem que descrever como ocorreu para que, não apenas o leitor compreenda,

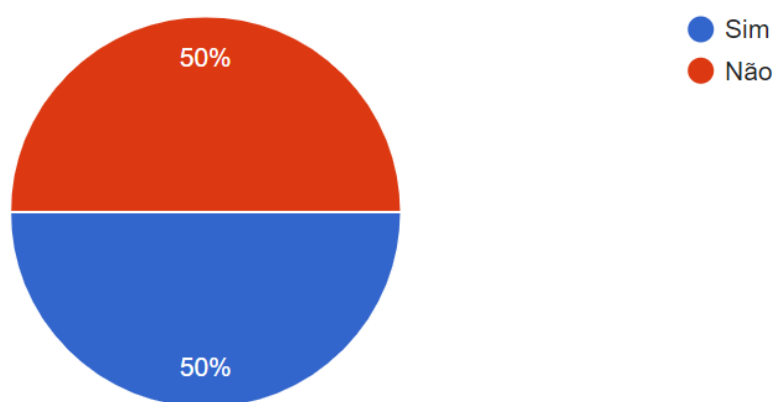
como também exemplifique e reforce o que ele vem argumentando no seu artigo. Sobre isso, os PCN (1998) expõem que

(...) os textos organizam-se sempre dentro de certas restrições de natureza temática, composicional e estilística, que os caracterizam como pertencentes a este ou aquele gênero. Desse modo, a noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino. Nessa perspectiva, necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas. (BRASIL, 1998. p. 23)

Assim, é importante que em sala de aula o/a professor (a) explique que existem diversas tipologias textuais, e elas pertencem a cada gênero textual adequado. Em alguns gêneros textuais, pode-se ter a presença de uma ou mais tipologias, sendo que uma sempre será a mais predominante, enquanto as outras poderão aparecer como um meio de exemplificar, relatar, narrar, aquilo que se deseja e se precisa, para facilitar a construção e compreensão textual. Portanto, no artigo de opinião, conforme Casseb-Galvão e Duarte (2018, p.40), “(...) a configuração composicional pode apresentar fragmentos característicos de outros gêneros, os quais, por sua vez, se instanciam a partir de sequências narrativas, explicativas, descritivas ou dialogais”.

5. Você já produziu um artigo de opinião?

Gráfico 5 - Porcentagem da resposta da questão de número 5



Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

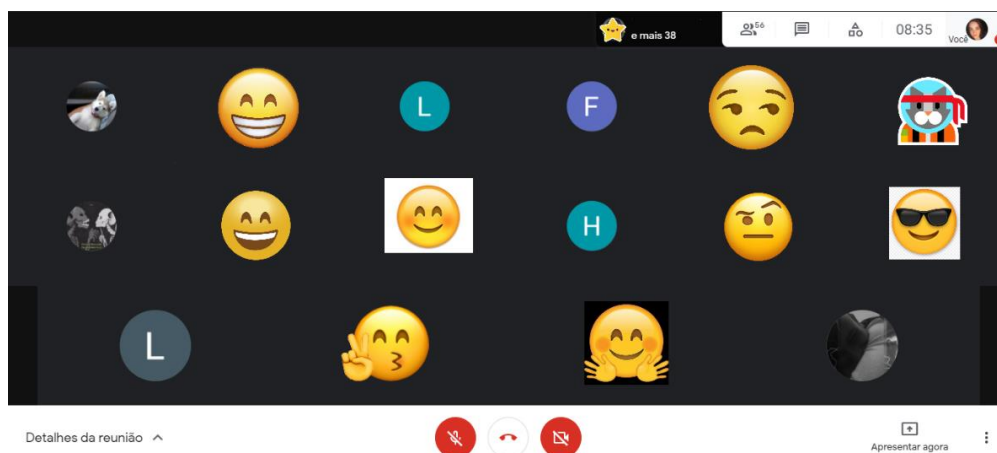
Ao vermos esse gráfico, percebemos que metade dos participantes 50% (4 alunos) já produziu um artigo de opinião em algum momento, enquanto a outra metade 50% (4 alunos) nunca produziu esse gênero textual. Com isso percebemos a importância de se levar, para a sala de aula, esse gênero textual, visto que ainda existem alunos que nunca leram ou produziram um artigo de opinião. O ensino de língua portuguesa no ensino médio, conforme os PCN+ Ensino Médio (2002), deve ser encaminhado não somente para a gramática ou para a literatura, mas também para a produção de textos.

Sendo assim, a escola deve possibilitar que os alunos tenham contato com os gêneros textuais que circulam socialmente e permitir que eles, de acordo com Antunes (2009), ampliem o seu saber sobre as regularidades de cada gênero. Que a escola não ensine, conforme Marcuschi e Dionísio (2007), a língua tal como é, mas sim a língua como uma prática social que, segundo os autores, produz e se organiza as formas de ação e as formas de conhecimento. E, para que isso ocorra, é necessário que o/a professor (a) não apenas exponha e explique aos seus alunos que há tipologias textuais, como também, trabalhe com gêneros textuais em sala de aula, não apenas com o artigo de opinião, mas com os demais gêneros textuais, pois eles possibilitam que o aluno lide com a língua em uso, visto que, de acordo com Marcuschi (2002, p. 9) “(...) nada do que fizermos linguisticamente estará fora de ser feito em algum gênero. Assim, tudo o que fizermos linguisticamente pode ser tratado em um ou outro gênero”. Portanto, é importante que o professor, leve para a sua sala de aula o gênero artigo de opinião, para que não somente os seus alunos aprendam e compreendam a função social da língua, como também, reconheçam a linguagem e a tipologia utilizada neste gênero textual.

5.2 Interação Síncrona

No 2º Momento houve a interação de forma síncrona, a professora titular explicou aos alunos que a pesquisadora iria participar da aula e pediu para que todos interagissem. Em seguida, a pesquisadora se apresentou novamente e explicou que seria feito a leitura do artigo de opinião, o qual foi colocado em cada grupo da turma na primeira semana, e esclareceu que, conforme o artigo de opinião fosse sendo lido, haveria uma discussão a respeito das argumentações e opiniões expostas no texto pelas autoras. Vale ressaltar, a importância de explicar aos alunos o que será feito em sala de aula, de como será realizada as atividades para que eles compreendam a importância do conteúdo a ser ensinado.

Figura 1: Registro do encontro síncrono com o 2º ano A, B, C e D.



Fonte: Autora, 2021.

Conforme liam o artigo de opinião, a pesquisadora perguntava aos alunos o que eles achavam da opinião exposta no texto, se eles concordavam ou não com as autoras, como um meio de incentivar a interação deles. Sobre isso, os PCN (1998) expõem que

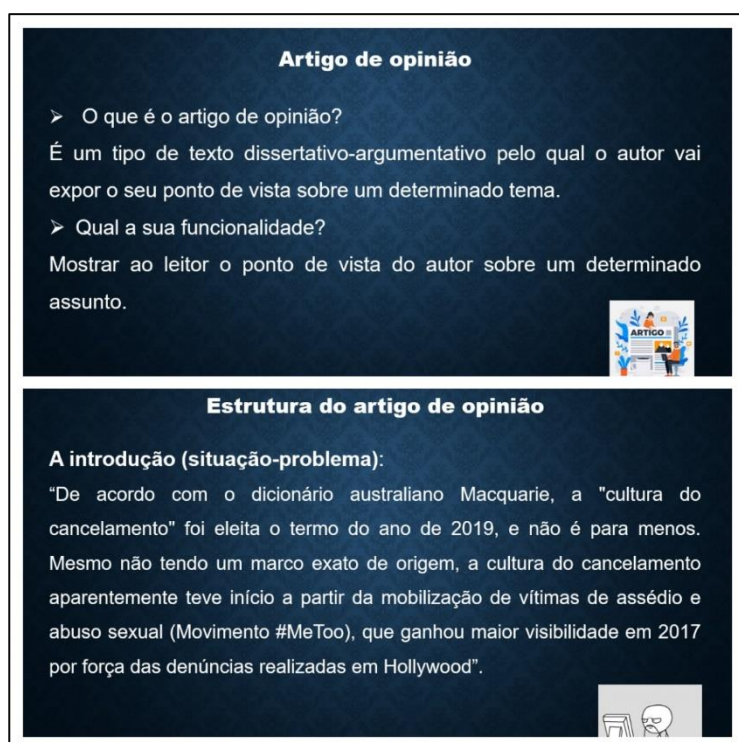
Por mais que o professor, os companheiros de classe e os materiais didáticos possam, e devam, contribuir para que a aprendizagem se realize, nada pode substituir a atuação do próprio aluno na tarefa de construir significados sobre os conteúdos da aprendizagem. É ele quem vai modificar, enriquecer e, portanto, construir novos e mais potentes instrumentos de ação e interpretação. (BRASIL, 1998. p. 72)

Ou seja, de acordo com os PCN, mesmo que o professor, materiais didáticos ou colegas de turma contribuam para que a aprendizagem aconteça, a atuação do (a) aluno (a) é imprescindível para que ele aprenda o que está sendo ensinado. É a partir da interação dele com o texto/professor/colegas que ocorrerá um melhor entendimento do conteúdo, facilitando a construção de sentidos do texto, contribuindo ainda mais para a sua aprendizagem. A participação dos (as) alunos (as) durante a leitura e a troca de opiniões em sala de aula, são um meio de desenvolver ainda mais a sua competência em relação ao debate e à exposição de opinião. O debate em sala de aula é um meio de exercitar, segundo a BNCC (2017), a escuta atenta sobre o que está sendo falado, o respeito em relação ao seu turno e tempo de fala, saber se posicionar de forma que respeite a opinião contrária à sua, podendo levar em consideração as falas do outro, o que possibilita realizar a referência direta ou retomada do discurso do colega

para esclarecer, detalhar, complementar e reiterar o seu posicionamento, para a compreensão de todos.

Após a leitura e o debate sobre o texto lido, a pesquisadora iniciou a explicação sobre o conceito, estrutura e funcionalidade do gênero artigo de opinião, assim como a definição dos operadores argumentativos e exposição dos mais usados na produção textual desse gênero, trazendo, por meio de slides (em apêndice), exemplos de introdução, desenvolvimento e conclusão, como também, exemplos de operadores argumentativos a partir do artigo de opinião lido.

Figura 2: Parte da apresentação dos slides



Fonte: Autora, 2021.

Os trechos utilizados para exemplificação foram retirados do artigo de opinião *O “Tribunal da internet” e os efeitos da cultura do cancelamento*, das autoras Thays Bertoncini da Silva e Erica Marie Viterito Honda.

Optamos por utilizar os trechos do artigo lido a fim de facilitar a compreensão dos discentes sobre o assunto. Após o fim da discussão, foi solicitado aos alunos que eles escrevessem um artigo de opinião com base nos textos presentes na proposta de produção

textual, a qual foi disponibilizada nos grupos da turma. Foi explicado, também, que as produções poderiam ser enviadas via e-mail ou mediante fotos legíveis pelo aplicativo Whatsapp, no prazo de dois dias.

Na proposta de produção textual, disponibilizamos três textos de gêneros e pontos de vista diferentes, como forma de possibilitar que os alunos, ao lerem, pudessem formar a sua própria opinião, pois, acreditamos que dessa forma, eles formulariam respostas para a pergunta que lhes foi feita, e a partir dessa resposta, eles desenvolveriam o seu ponto de vista. Dessa forma, é através da leitura que, segundo Antunes (2009, p. 193), “(...) temos acesso a novas ideias, novas concepções, novos dados, novas perspectivas, novas e diferentes informações acerca do mundo, das pessoas, da história dos homens, da intervenção dos grupos sobre o mundo, sobre o planeta, sobre o universo”. Ou seja, a leitura nos possibilita ganhar conhecimento, formular opiniões, ideias acerca das coisas, ela nos permite dialogar com mundo e a ter diferentes perspectivas sobre ele.

5.3 Escrita e Reescrita de Artigos de Opinião

Selecionamos e analisamos as duas produções textuais do gênero artigo de opinião, escrita e reescrita, produzidas pelos alunos do 2º ano médio. Os alunos produziram o seu artigo de opinião com base na seguinte pergunta: *Você é a favor do retorno das aulas presenciais?*

5.3.1 Produção inicial do gênero artigo de opinião

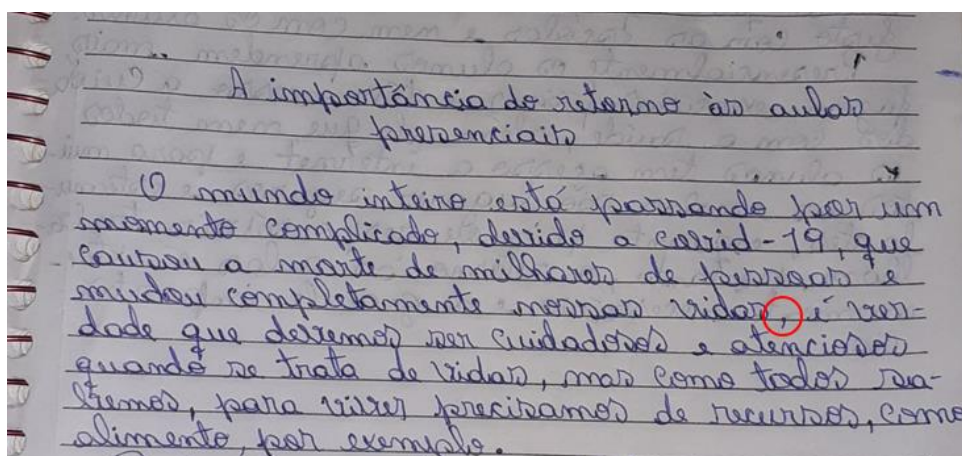
No 3º momento ocorreu a produção do artigo de opinião, após os alunos finalizarem, enviaram à pesquisadora, a qual avaliou conforme a tabela dos cinco critérios que citamos anteriormente, (norma culta, temática e estrutura do artigo de opinião, coerência, coesão e conclusão). Avaliamos as produções e apontamos nos textos o que poderia ser melhorado. Ao todo, foram nove produções textuais, mas apenas dois alunos participaram da reescrita. Logo, analisaremos especificamente as produções dos estudantes que percorreram todas as etapas da intervenção, denominados aluno (a) A e aluno (a) B.

Apesar das explicações e exemplificações realizadas no encontro síncrono e do encaminhamento da proposta textual, contendo algumas dicas de como produzir o artigo de opinião, algumas produções foram escritas no formato de comentário, destoando do formato do

gênero artigo de opinião. Isso nos mostrou que o processo de ensino, mesmo sendo planejado e sistemático da produção textual, requer com maior intensidade o aprofundamento para a aprendizagem de alguns alunos, levando em conta uma série de questões como dificuldades em relação à produção textual e com relação à aprendizagem dos gêneros textuais, por exemplo. Por isso, é necessário, que se levem para a sala de aula conteúdos mais contextualizados, “(...) aproveitando sempre as relações entre conteúdos e contexto para dar significado ao aprendido, estimular o protagonismo do aluno e estimulá-lo a ter autonomia intelectual” (PCN MÉDIO, 2000. p. 75). Não apenas o ensino do gênero artigo de opinião possibilita essa contextualização, mas o ensino dos gêneros textuais como um todo possibilita estudar a língua em uso, aprender como podemos usar os gêneros textuais como um modelo sociocomunicativo, como também, estimular o protagonismo dos alunos. É importante, nesse processo, esclarecer aos alunos que a reescrita faz parte do processo de produção textual.

Abaixo, para uma melhor compreensão da análise, dividimos duas produções em introdução, desenvolvimento e conclusão, dos/as alunos (as) A e B.

Figura 3- Introdução do artigo de opinião do/a aluno (a) A



Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Figura 4 - Introdução do artigo de opinião do/a aluno (a) B

Devemos mesmo voltar as aulas?

No fim de 2019 descobrimos um novo vírus chamado Covid-19 e tivemos que fechar tudo por ser um vírus contagante. se passaram mais de 1 ano e agora estão na dúvida se abrem ou não as escolas ; então eu vim aqui expor minha opinião!

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Como podemos observar, foi necessário solicitar aos discentes que reescrevessem o seu texto pela falta ou o uso incorreto de algumas pontuações. Na introdução do artigo de opinião de A, faltou contextualizar mais sobre a temática, enquanto na produção de B, houve o uso indevido da 1ª pessoa do singular e a falta de algumas pontuações.

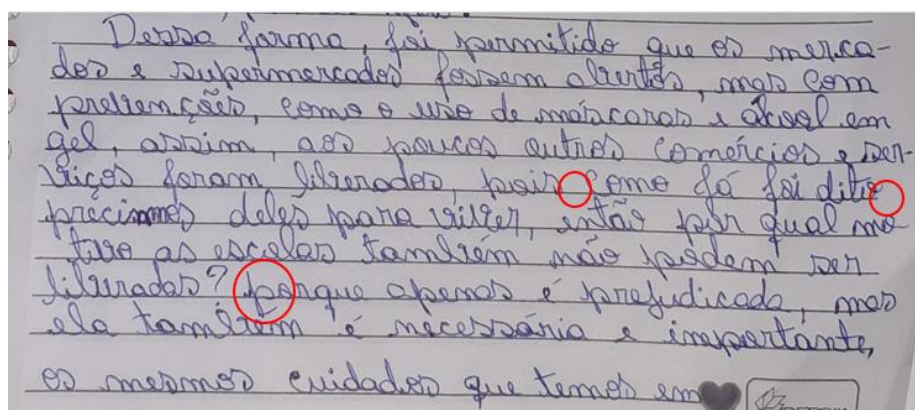
Na introdução do artigo de opinião, é necessário que se inicie escrevendo sobre a “situação-problema”, ou seja, esse é o momento pelo qual o articulista põe o “tema” em desenvolvimento para nortear o leitor sobre o que virá no texto. É na introdução que colocamos em evidência o objetivo da nossa argumentação, a qual sustentaremos ao longo do nosso artigo.

Com relação à linguagem, no artigo do/a aluno (a) B, considerou-se uso indevido da 1ª pessoa do singular, porque a escrita do artigo de opinião no meio escolar, de acordo com Casseb-Galvão e Duarte (2018), preza pelo uso da 3ª pessoa, pois em “atividades de aprendizagem ou de circulação do texto fora da sala de aula, é importante que o enunciador seja individualizado”. (CASSEB-GALVÃO E DUARTE, 2018. p. 107). Nas orientações passadas aos alunos (as), solicitamos que eles (as) escrevessem na 1ª pessoa do plural ou 3ª pessoa do singular, a fim de deixar a produção textual mais formal e impessoal.

Como podemos perceber, mesmo com a falta de contextualização e algumas pontuações, os (as) alunos (as) A e B iniciaram o seu artigo falando sobre o Covid-19, pois, no artigo de opinião, o texto possui uma ideia central no qual objetiva-se desenvolver. “Escrever é uma atividade tematicamente orientada.” (ANTUNES, 2005. p.32). Ou seja, na escrita de uma produção textual, inicia-se seguindo uma temática, pela qual o texto vai ser desenvolvido e concluído.

Abaixo, no desenvolvimento, podemos perceber uma argumentação maior sobre a pandemia e a exposição da opinião dos (as) discentes A e B.

Figura 5 – Desenvolvimento do artigo de opinião do/a aluno (a) A



outras instalações, podemos ter na escola.
A falta de aulas presenciais está prejudicando a educação de uma forma degradante, as pessoas já estão cansados de presenciarem outras desrespeitando o isolamento social, com festas, viagens, aglomerações, enquanto a educação é a única que sofre, isso realmente não é justo com as escolas e nem com os alunos.

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Figura 6 - Desenvolvimento do artigo de opinião do (a) aluno (a) B.

No terceiro link disponível, diz que tem escolas que não tem sanidade básica para lavar as mãos, mas a maioria das escolas onde não tem água são escolas mais pobres, onde talvez as crianças que estejam matriculadas na escola não tenha nem água para tomar banho em casa. em meio a essa situação eu sou a favor da volta as aulas, seria bem mais fácil o governo proibir a volta as aulas por serem milhares de crianças, e adolescentes e milhares de funcionários, diante a isso, é óbvio que esses milhares de funcionários que comiam, bebiam e tinham salários que vinham das redes escolares, já não vivem tão bem assim, porquê agora eles gastam mais luzes, pagam mais gás e gastam mais com comida, aos que tem filhos, gastam o dobro, por ter que pagar internet, porquê sem internet não estuda, por ter que pagar mais luz, porquê são varias crianças e adolescentes dentro de casa por 24 horas, por ter que pagar mais gás porquê sem gás não tem comida e isso era menos um gasto pois tinham comida na escola oferecidas pelo governo e agora famílias que estão desempregadas e tem que "se virar" diante as situações que eu citei acima.

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

No desenvolvimento do artigo de opinião de A e B, percebemos o fortalecimento da argumentação sobre a temática. No artigo de A, notamos o reforço e a defesa do ponto de vista dele/a por meio do argumento de provas concretas, pelo uso de exemplos de acontecimentos recorrentes na sociedade durante a pandemia, como a abertura de serviços essenciais, e a “quebra” do isolamento social. Esse tipo de argumento fortalece o ponto de vista dela, porque traz exemplos como forma de corroborar com a veracidade do que se diz. Os seus questionamentos reforçam a importância do retorno das aulas presenciais mencionado por meio do seu título. No desenvolvimento do artigo de B, também é usado o argumento de provas

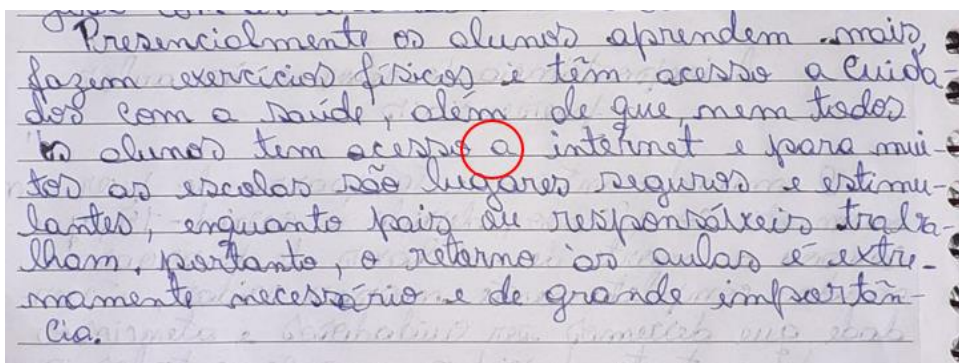
concretas, pelo uso de exemplos de escolas pobres e a falta de saneamento para higiene nessas escolas. Diante das exemplificações da pobreza, B expõe a sua opinião, ao mencionar que a suspensão das aulas presenciais prejudicaram as famílias mais pobres.

Nos dois artigos de opinião, ocorre o mesmo ponto de vista a respeito do retorno das aulas presenciais, mas o uso de argumentos diferentes. Percebemos, pela análise dos dois artigos, que os alunos (as) refletiram sobre os textos lidos, usaram exemplos de acontecimentos reais para não somente reforçar o seu ponto de vista, como também, persuadir e convencer o leitor a concordarem com os seus posicionamentos e refletirem, diante do exposto, sobre a importância do retorno das aulas presenciais.

Os (as) alunos (as) A e B usaram alguns operadores argumentativos no seu texto, o que tornou o texto coeso, entre eles destacamos os operadores explicativos “dessa forma”, “porque”, “pois”, o operador de oposição “mas”, o operador de adição “e”, entre outros. Os operadores, de acordo com Koch (2011), indicam a sequência do discurso, “(...) determinam os encadeamentos possíveis com outros enunciados capazes de continuá-lo, (...)”. (KOCH, 2011. p.101). Ou seja, o uso dos operadores argumentativos no texto funcionam como sinalizadores, indicando os sentidos que o texto vai tomando, contribuindo para o entendimento do leitor. Por isso, o uso deles é imprescindível na produção textual e na sua leitura, principalmente no artigo de opinião.

Seguimos, agora, com a análise das conclusões dos artigos de A e B.

Figura 7 – Conclusão do artigo de opinião do/a aluno (a) A



Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Figura 8 - Conclusão do artigo de opinião do (a) aluno (a) B

Agora vamos falar do segundo link, onde um médico expõe a opinião dele sobre a volta as aulas, ele diz: "[...]até o suporte emocional, muito dessas famílias são fragilizadas, são crianças que tem problemas sérios em casa, com pai alcoólatra com a violência doméstica e por ai vai, e é na escola o momento de acolhimento[...]" com o pensamento desse médico a gente ver o quão tem pessoas egoístas que acham que só porque tem condições de ter seus filhos em uma escola onde esteja tendo aula online e onde os filhos possam estar vendo aula dentro de casa eles estejam certos, mas como o médico disse, esse é o caso da minoria do Brasil, a volta as aulas é para ajudar aos pais que vão trabalhar e tem que deixar seus filhos em casa sozinhos, aos pais onde tem que deixar seus filhos com fome por não ter condições de pagar a compra do mês, aos pais que tem que ver seus filhos se perdendo em estudos por conta da minoria, são esses tipos de pais que estão em questão, a maioria dos pais...

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

A conclusão no artigo de opinião é o momento de “solução-avaliação”, como expõe Köche, Boff e Marinello (2014), que é o momento em que o articulista pode expor uma solução diante da problemática apresentada, ou, evidenciar a sua opinião, reafirmando o que foi argumentado durante o seu texto. Os (as)s alunos (as) A e B optaram por concluir o seu artigo reafirmando o seu posicionamento.

Na conclusão do texto de A, ele/a reafirma a sua posição através de argumentos explicativos, que as aulas devem voltar porque “*presencialmente os alunos aprendem mais, (...) além de que, nem todos os alunos tem acesso a internet e para muitos as escolas são lugares seguros e estimulantes*”. Percebemos aqui um posicionamento reflexivo da aluna ante à realidade de milhares de estudantes com dificuldades ao acesso do ensino remoto, reafirmando o posicionamento tomado ao longo do seu texto, ressaltando mais uma vez a importância do retorno das aulas presenciais.

Na conclusão do texto de B, fez-se uso do argumento de autoridade, utilizando a citação de um médico entrevistado, e a partir disso expôs os problemas e dificuldades que muitos alunos e famílias têm com relação à educação a distância, possibilitando, desse modo, uma reflexão ao leitor. De acordo com Casseb-Galvão e Duarte (2018), quem escreve o artigo de opinião executam uma função social básica, que é o de criticar, discutir, polemizar, despertar questionamentos, entre outros. Os textos escritos expõem concretamente como o universo do seu autor, como ele expressa o seu pensamento, o que ele pensa, que diálogos tem com os textos de outros autores. PCN+ Ensino Médio (2002).

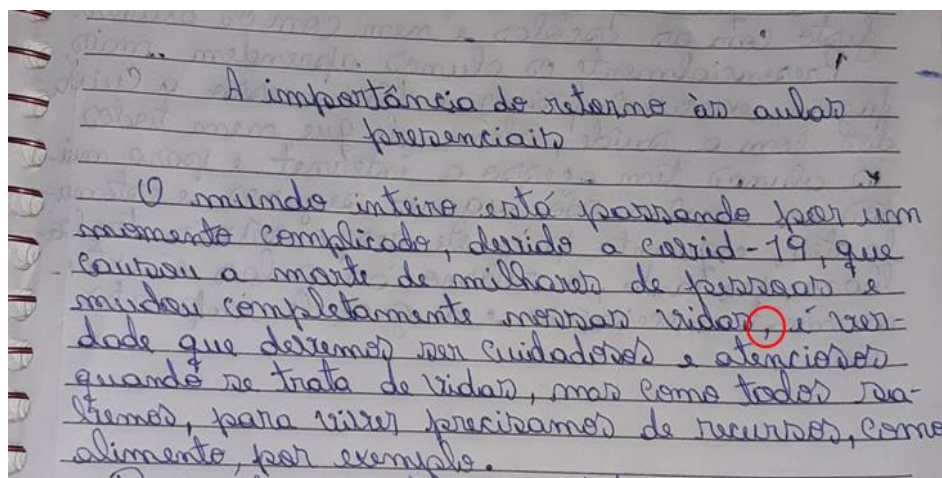
5.3.2 Produção final do artigo de opinião

Após as explicações sobre a pontuação em cada critério analisado e os apontamentos, os artigos de opinião foram encaminhados, porém, apenas dois dos nove se submeteram à reescrita.

Fizemos os apontamentos em cada texto dos alunos como forma de deixar a avaliação mais clara, um meio deles entenderem porque obtiveram a nota dada e aperfeiçoarem a redação. Sobre isso, Menegassi (1998) esclarece que as observações ficam mais claras porque o (a) professor (a) contextualiza o problema. O (a) aluno (a), ao enxergar uma palavra destacada, ele (a) compreende mais rapidamente o equívoco e o reescreve com mais exatidão. Por isso, de acordo com o autor, a revisão e a reescrita andam lado a lado, visto que os processos ali presentes possibilitam uma melhor produção textual em sua construção.

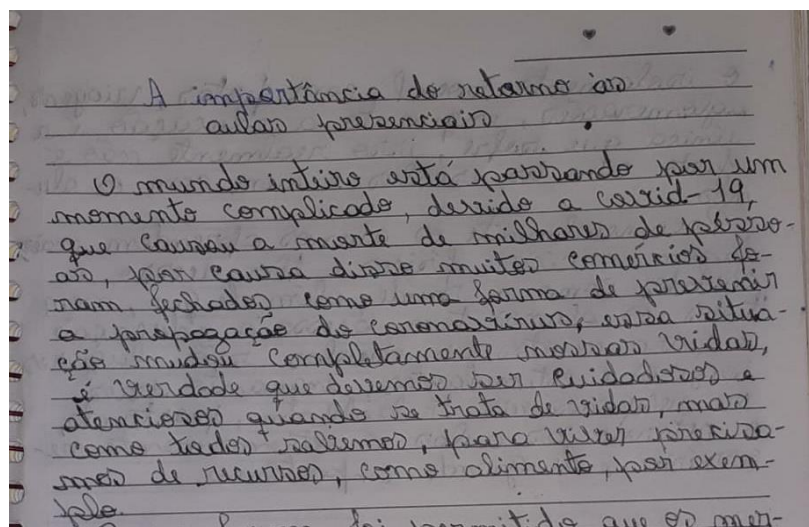
A seguir, a fim de expor as diferenças entre a primeira produção e a reescrita, selecionamos trechos da introdução, desenvolvimento e conclusão dos artigos dos (as) alunos (as) A e B, seguido das análises.

Figura 9 - Introdução da 1ª produção textual do/a aluno(a) A



Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

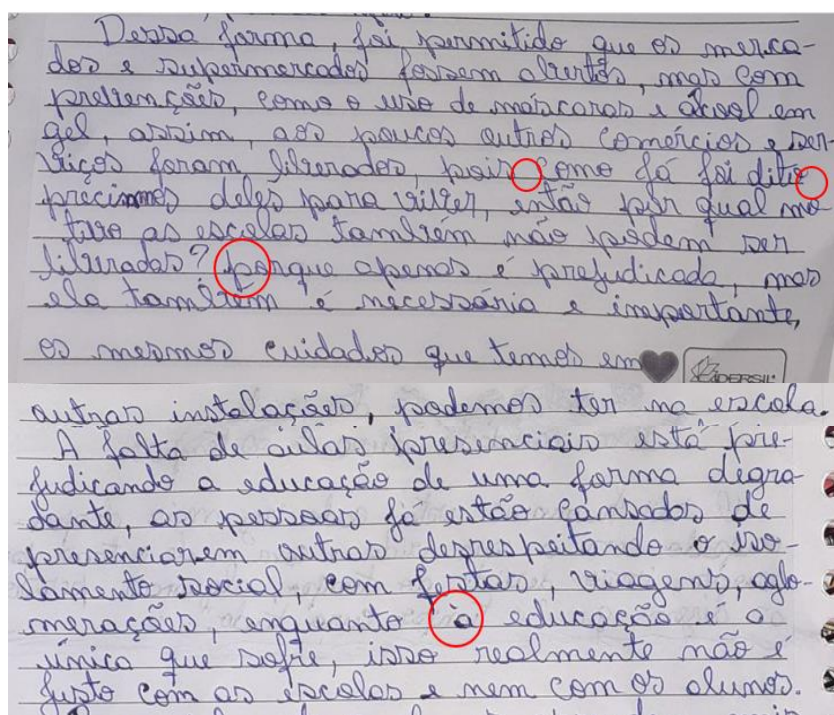
Figura 10 - Introdução reescrita do artigo de opinião do/a aluno (a) A



Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

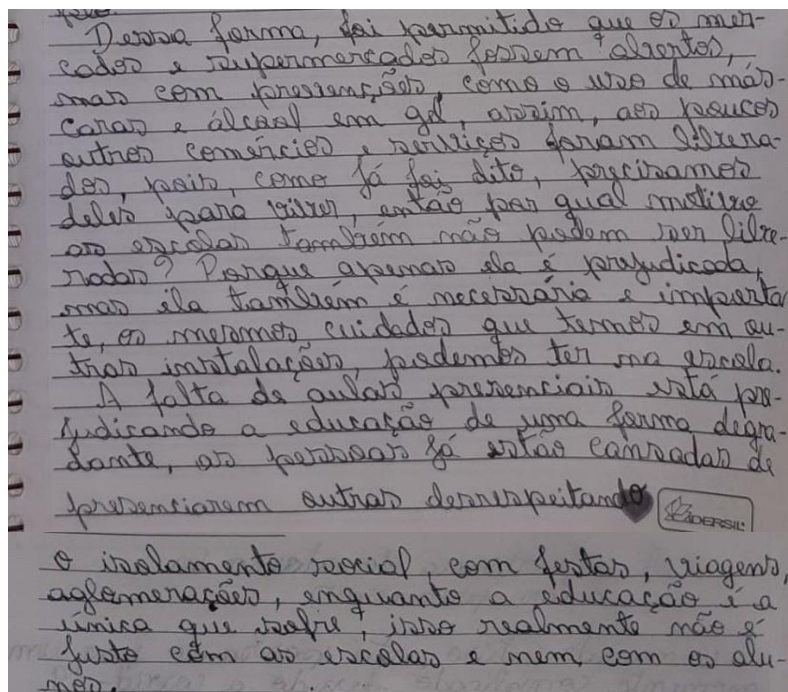
Percebemos uma melhora significativa do texto reescrito de A. Na introdução da reescrita, comparando-se com a da primeira produção, como podemos observar, o aluno (a) A contextualizou mais sobre a temática, deixando sua introdução mais completa, também houve uma melhora no uso das pontuações, por exemplo, o emprego adequado da crase e das vírgulas, o que permite, também, que o seu desenvolvimento fique mais coerente. Como podemos observar abaixo

Figura 11 – Desenvolvimento da 1ª produção textual do/a aluno (a) A



Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Figura 12 – Desenvolvimento reescrito do artigo de opinião do/a aluno (a) A



Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Após apontados os equívocos na primeira produção, como, por exemplo, a falta do uso de vírgula, ponto contínuo e o emprego incorreto da crase, na reescrita percebemos que, com as correções, o texto ficou mais conciso e coerente. A pontuação, conforme Köche, Boff e Marinello (2014), é indispensável na língua padrão escrita, porque ela contribui para que o texto fique mais preciso. Percebe-se como a revisão e os apontamentos para a reescrita colaboraram de forma significativa para a melhoria do texto.

Abaixo, segue a análise da reescrita do artigo do (a) aluno (a) B.

Figura 13 - Introdução da 1ª produção textual do/a aluno (a) B

Devemos mesmo voltar as aulas?

No fim de 2019 descobrimos um novo vírus chamado Covid-19 e tivemos que fechar tudo por ser um vírus contagante, se passaram mais de 1 ano e agora estão na dúvida se abrem ou não as escolas; então eu vim aqui expor minha opinião!

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Figura 14 - Introdução reescrita do artigo de opinião do/a aluno (a) B

Porquê devemos repensar sobre a volta às aulas

No fim de 2019 descobrimos um novo Vírus chamado COVID-19 e tivemos que fechar tudo, Por ser um vírus contagiante, Se passaram mais de 1 ano e agora estão na dúvida se abre ou não as escolas.

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Na primeira produção, apontamos para o uso da 1ª pessoa do singular, a falta do acento agudo em algumas palavras. Com relação ao título, sugerimos que fosse pensado um título mais condizente com o texto, visto que é pelo título que o leitor é convidado à leitura e adquire as primeiras informações sobre o que será tratado no texto. Na produção reescrita notamos essas alterações, o uso da linguagem em 1ª pessoa do plural, o emprego do acento agudo nas palavras “vírus e dúvida”, como também, a alteração do título.

Assim no desenvolvimento também é possível notar a diferença entre a primeira produção e a produção reescrita

Figura 15 – Desenvolvimento da 1ª produção textual do/a aluno (a) B

No terceiro link disponível, diz que tem escolas que não tem sanidade básica para lavar as mãos, mas as maioria das escolas onde não tem água, são escolas mais pobres, onde talvez as crianças que estejam matriculadas na escola não tenha nem água para tomar banho em casa. em meio a essa situação eu sou a favor da volta as aulas, seria bem mais fácil o governo proibir a volta as aulas por serem milhares de crianças, e adolescentes e milhares de funcionários, diante a isso, é óbvio que esses milhares de funcionários que comiam, bebiam e tinham salários que vinham das redes escolares, já não vivem tão bem assim, porquê agora eles gastam mais luzes, pagam mais gás e gastam mais com comida, aos que tem filhos, gastam o dobro, por ter que pagar internet, porquê sem internet não estuda, por ter que pagar mais luz, porquê são varias crianças e adolescentes dentro de casa por 24 horas, por ter que pagar mais gás porquê sem gás não tem comida e isso era menos um gasto pois tinham comida na escola oferecidas pelo governo e agora famílias que estão desempregadas e tem que "se virar" diante as situações que eu citei acima

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Figura 16 - Desenvolvimento reescrito do/a aluno (a) B

Dizem que escolas que não há saneamento básico para lavar as mãos, mas a maioria das escolas onde não tem água, são escolas mais pobres onde talvez as crianças que estejam matriculadas não tenha Água nem tomar banho em casa. Em meio a essa situação, somos a favor da volta as aulas, seria bem mais fácil o governo proibir a volta às aulas por serem milhares de crianças, adolescentes e milhares de funcionários, diante disso, é óbvio que esses milhares de funcionários que comiam, bebiam e tinham salários que vinham das redes escolares, já não vivem tão bem assim, porque agora eles Estou tendo mas despesas com conta de luz, água, alimento... Aos que tem filhos, Gastam o dobro, Por ter que pagar a internet, Porque se internet não estuda, por ter que pagar mais luz, pois são várias crianças e adolescentes dentro de casa por 24 horas e isso era um gasto a menos, por ter que comprar muito mais alimentos, e isso é um gasto a menos, pois, tinha comidas oferecidas pelo governo, e, agora, família que estão desempregadas tem que “se virar” diante da situação que citamos acima.

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Notamos uma melhora na reescrita do desenvolvimento do/a aluno (a) B, o uso adequado do “porque”, a eliminação da menção do link acessado, o uso correto de vírgulas, o emprego da crase. A reescrita possibilitou uma maior coerência e coesão textual, propriedades textuais que possibilitam que o leitor consiga interpretar todo o texto. Embora haja alguns empregos incorretos na reescrita, como, por exemplo, o “mas” ao invés do “mais”, houve uma melhora considerável no texto. A reescrita, de acordo com Menegassi (1998), possibilita um texto com mais qualidade, mesmo que ainda ocorra alguns problemas. Nesse desenvolvimento reescrito por B, percebemos algumas melhorias em comparação com o primeiro desenvolvimento escrito, mas ainda necessita de algumas alterações para que o texto fique totalmente de acordo com a norma culta.

Na conclusão, podemos perceber mais algumas mudanças

Figura 17 – Conclusão da 1ª produção textual do/a aluno (a) B

Agora vamos falar do segundo link, onde um médico expõe a opinião dele sobre a volta as aulas, ele diz: “[...]até o suporte emocional, muito dessas famílias são fragilizadas, são crianças que tem problemas sérios em casa, com pai alcoólatra com a violência doméstica e por ai vai, e é na escola o momento de acolhimento[...]” com o pensamento desse médico a gente ver o quão tem pessoas egoístas que acham que só porque tem condições de ter seus filhos em

uma escola onde esteja tendo aula online e onde os filhos possam estar vendo aula dentro de casa eles estejam certos, mas como o médico disse, esse é o caso da minoria do Brasil, a volta as aulas é para ajudar aos pais que vão trabalhar e tem que deixar seus filhos em casa sozinhos, aos pais onde tem que deixar seus filhos com fome por não ter condições de pagar a compra do mês, aos pais que tem que ver seus filhos se perdendo em estudos por conta da minoria, são esses tipos de pais que estão em questão, a maioria dos pais...

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Figura 18 - Conclusão reescrito do artigo de opinião do/a aluno (a) B

Um médico deu uma entrevista para o programa “Balanço Diário” no canal “Diário do sertão” disponível no YouTube expondo a opinião dele sobre a volta as aulas, ele diz: “[...] até o suporte emocional, muitas dessas famílias são fragilizadas, são crianças que tem problemas sérios em casas, com pais alcoólatras com a violência doméstica e por ai vai, e é na escola o momento de acolhimento [...]”. Com o pensamento desse médico nós podemos ver o quão tem pessoas egoístas que acham que só porque tem ter seus filhos em uma escola onde esteja tendo aula on-line e que os filhos possam estar assistindo aula dentro de casa eles estejam certos, mas como o médico disse, esse é o caso da minoria do Brasil. A volta às aulas é para ajudar aos pais que vão trabalhar e deixam seus filhos em casa sozinhos, aos pais que necessitam deixar seus filhos com fome por não ter condições de pagar a conta do mês, aos pais que tem que ver seus filhos se perdendo nos estudos por conta da minoria, são esses tipos de pais que estão em questão, a maioria dos pais.

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Na conclusão reescrita notamos a referência ao programa que entrevistou o médico, uso adequado de algumas pontuações, o emprego de crases. Para a realização dessas reescritas, executamos uma avaliação com apontamentos e comentários com sugestões e explicações sobre cada equívoco encontrado nos textos, com o intuito de facilitar a compreensão dos (as) alunos mediante a revisão. Sobre isso, Menegassi (1998) afirma que os comentários do professor acerca do texto do aluno podem ajudar na construção textual, visto que bem entendidas, facilitam o processo de revisão.

Dessa forma, ao avaliar as produções dos discentes, é importante que o (a) professor (a) realize apontamentos indicando onde foi cometido o equívoco, o que precisa ser reescrito para a melhoria do seu texto. As reescritas dos dois artigos de opinião aqui analisadas, mostraram-se, de modo geral, significativas, mesmo que alguns alunos necessitem de uma prática mais aprofundada e contínua, pois, conforme Menegassi (1998), a prática da reescrita pode ser

considerada contínua, dado que as revisões, além das recomendadas, indicam um amadurecimento do discente como autor do texto. Por isso, reescrita não garante que o texto ficará totalmente adequado, mas possibilita uma melhoria considerável, o que mostra a importância dessa prática nas produções textuais. Desse modo, trabalhar com o ensino da escrita e reescrita do artigo de opinião permitirá que os (as) alunos (as) sejam, segundo Kaufman e Rodríguez (1995, p. 3), “pessoas que, quando necessário, possam valer-se da escrita com adequação, tranquilidade e autonomia”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão levantada no início dessa pesquisa foi, *como seria possível instigar o pensamento crítico do aluno do ensino médio a partir da leitura, discussão e produção do artigo de opinião?* Obtemos a resposta desse questionamento pela sondagem por meio do questionário, observação do encontro síncrono e por meio das análises das primeiras produções textuais e suas reescritas.

Observamos que, a leitura do artigo de opinião realizada na sala de aula remota, proporcionou um debate satisfatório. Conforme ia-se realizando questionamentos durante a leitura sobre as opiniões das autoras, observou-se que os (as) alunos (as) manifestaram seus pontos de vista, citando exemplos de cancelamentos ocorridos em programas de TV e internet, a fim de esclarecer a sua opinião, ocorrendo, assim, uma interação não apenas com o texto, mas também com a pesquisadora e com os (as) colegas de classe, visto que a partir da discussão, alguns tomavam as falas dos seus colegas para complementarem as suas, como forma de concordar com o outro e expor o seu ponto de vista. Desse modo, a leitura do artigo de opinião, possibilita que, não somente ocorra uma interação do (a) professor (a) com a sua turma, como também, permite que os alunos interajam entre si, possibilitando uma troca de opiniões, e assim, permitindo que os (as) discentes sejam protagonistas da sua aprendizagem.

Quanto às análises do questionário, observou-se que o artigo de opinião ainda é pouco usado em sala de aula, visto que uma parte dos (as) alunos (as) ainda não o conheciam e nem produziram esse gênero textual, e dessa forma, por não conhecerem, não identificaram corretamente a sua tipologia. É necessário, também, uma maior prática de leitura desse gênero, a fim de aprimorar a interpretação textual dos (as) discentes.

No tocante às análises das produções textuais, confirmou-se a hipótese levantada no início desta pesquisa, que não apenas a leitura, como também a produção do artigo de opinião contribui para o desenvolvimento do olhar crítico do aluno, visto que por meio da leitura, o aluno interage com o texto, refletindo sobre questionamentos e argumentos presentes, e, através da produção desse gênero textual, ele (a) levanta questionamentos e pondera sobre como irá defendê-los por meio de argumentos convincentes, lançando um olhar crítico sobre as questões por ele levantadas, argumentando, dessa forma, com criticidade, provocando uma reflexão sobre o leitor mediante a leitura do seu texto.

Em relação à reescrita, observou-se que ela é necessária, que ela faz parte da produção textual, visto que alguns alunos necessitam dessa prática para entender em que parte do texto cometeu o equívoco e como pode melhorá-lo. Observou-se, também, a importância de realizar-

se os apontamentos no texto pelo (a) professor (a), bem como as sugestões de reescrita, visto que isso facilita a compreensão do (a) aluno (a) no que diz respeito ao seu texto e a avaliação realizada pelo (a) professor (a), possibilitando que a reescrita seja proveitosa tanto para os (as) discentes quanto para os (as) docentes.

Diante disso, é possível instigar o pensamento crítico do (a) aluno (a) pelo ensino do artigo de opinião, pois esse gênero textual possibilita que os (as) alunos (as) se tornem, ainda mais, sujeitos críticos e reflexivos, capazes de refletir a partir da sua leitura e escrita. Portanto, utilizar esse gênero para o ensino da leitura e escrita propicia o desenvolvimento da competência leitora, da competência da escrita, como também, da competência comunicativa. Possibilitando não somente a sua autonomia, mas a sua confiança em relação à escrita, contribuindo para uma maior aprendizagem sobre a língua em uso, e, proporcionando que os (as) discentes se posicionem de forma crítica perante os questionamentos da sociedade, pois, quanto mais se desenvolver a competência leitora do aluno, mais ele será um sujeito ativo na sua leitura, dificultando assim, a sua manipulação.

Por fim, reconhecemos que este estudo não esgotou a discussão (nem poderia). Todavia, enfrentamos os contingenciamentos do ensino remoto emergencial e aprendemos muito ao longo desta pesquisa feita em um cenário atípico devido à pandemia de Covid-19. Almejamos que nossas considerações auxiliem os futuros professores e professores quanto à prática docente em sala de aula, contribuindo para um ensino mais contextualizado, interativo e crítico-reflexivo.

7 REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Análise de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola, 2010.
- _____. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola, 2003.
- _____. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola, 2009.
- _____. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola, 2005.
- _____. **Textualidade: noções básicas e implicações pedagógicas**. 1.ed. São Paulo: Parábola, 2017.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em 21 de nov de 2020.
- _____. PCN+ Ensino Médio: orientações educacionais complementares aos **Parâmetros curriculares nacionais: Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: MEC/SEB, 2002. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/conaes-comissao-nacional-de-avaliacao-da-educacao-superior/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/12598-publicacoes-sp-265002211>>. Acesso em 10 de mar. de 2021.
- _____. **Parâmetros curriculares nacionais: Ensino médio — Bases legais**. Brasília: Ministério da Educação, 2000.
- _____. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- _____. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BERMÚDEZ, Ana Carla. **Educação: Pelo menos 15 estados têm previsão de retomada presencial das aulas em 2021**. São Paulo: UOL. Disponível em <<https://educacao.uol.com.br/noticias/2021/01/04/previsao-de-retomada-presencial-das-aulas-em-2021.htm>>, acesso em 22 de mar. de 2021.
- CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina; DUARTE, Milcinele da Conceição. **Artigo de opinião: sequência didática funcionalista**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2018.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: Teoria e prática**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- GABLIARDI, E.; AMARAL, H. **O gênero textual artigo de opinião**. Disponível em: <<https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/revista/artigos/artigo/1261/o-genero-textual-artigo-de-opinio-jornalistico>>. Acessado em: 28 de out. de 2020.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: <<https://docente.ifrn.edu.br/mauriciofacanha/ensino-superior/redacao-cientifica/livros/gil-a.-c.-como-elaborar-projetos-de-pesquisa.-sao-paulo-atlas-2002./view>>. Acesso em: 13 de mar. de 2021.

KAUFMAN, Ana Maria & RODRÍGUEZ, Maria Helena. **Escola, leitura e produção de textos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

KLEIMAN, A. **Oficina de leitura**: Teoria e prática. 16ª ed. Campinas SP: Editora Pontes, 2016.

KÖCHE, Vanila. S; BOFF, Odete, M.B; MARINELLO, Adiane, F. **Leitura e produção textual**: gêneros textuais do argumentar e expor. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

_____. MARINELLO, Adiane, F. **Gêneros Textuais**: práticas de leitura escrita e análise linguística. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

_____. PAVANI, Cinara Ferreira; BOFF, Odete Maria Benetti. **Prática textual**: atividades de leitura e escrita. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

KOCH, I.G. V. **Argumentação e linguagem**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011

_____. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. **O texto e a construção de sentido**. 10 ed., 5º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

MARCUSCHI, L.A; DIONISIO, A. P. **Fala e escrita**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: *Gêneros textuais e ensino*. (Org.). DIONISIO, A.P; MACHADO, A.R; BEZERRA, M.A. São Paulo: Parábola, 2010. cap.1, p. 19-38.

MARCUSCHI, L.A. **Produção textual**: análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola, 2008.

MENEGASSI, Renilson José. **Da revisão a reescrita**: operações e níveis linguísticos na construção do texto. 1998. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis-SP: 1998.

O texto em sala de aula. (Org.). GERALDI, João Wanderley. 1 ed. São Paulo: Ática, 2011.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. Classificação das pesquisas. In: **Metodologia do Trabalho Científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo-RS: Feevale, 2013, p. 49-72. Disponível em: <<http://www.feevale.br>>. Acesso em 01 de set. 2020

RANGEL, Mary & MACHADO, Jane do Carmo. **O papel da leitura e da escrita na sala de aula**: estratégias de ensino para dinamização dos processos de leitura e escrita. Anais do SIELP. Volume 2, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/07/volume_2_artigo_229.pdf>. Acesso em 13 de mar. de 2021.

ROJO, Roxane. H.R; BARBOSA, Jacqueline. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. 1 ed. São Paulo: Parábola: 2015.

_____. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009.

_____. (Re) pensar os multiletramentos na pandemia. In: *Tecnologias digitais e escola: reflexões no projeto aula aberta durante a pandemia*. (Org.). RIBEIRO, Ana Elisa; VECCHIO, Pollyanna de Mattos Moura. 1 ed. São Paulo: Parábola: 2020. E-book. p. 40-43. Disponível em: <<https://www.parabolaeditorial.com.br/Custom.asp?IDLoja=34487&arq=ebook.htm>>. Acesso em 04 de nov.2020.

SACCOL, A. Z. **Um retorno ao básico:** compreendendo os paradigmas de pesquisa e sua aplicação na pesquisa em Administração. v. 2, n. 2. Revista de Administração da UFSM, 2009. Disponível em: <<http://www.spell.org.br/documentos/ver/5104/um-retorno-ao-basico--compreendendo-os-paradigm--->>. Acesso em: 13 de mar. de 2021.

SILVA, Michel Carvalho. A viralização do senso comum. **Observatório da imprensa**. 21 de ago.2015. Disponível em <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/redes-sociais/a-viralizacao-do-senso-comum/>>

SILVA, Thays Bertoncini; HONDA, Erica Marie Viterito. **O "Tribunal da Internet" e os efeitos da cultura do cancelamento**. Site Migalhas. Disponível em: <<https://www.migalhas.com.br/depeso/331363/o--tribunal-da-internet--e-os-efeitos-da-cultura-do-cancelamento>>. Acesso em 12 de abr. de 2021.

APÊNDICE A - Plano de intervenção

	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CAMPUS IV: LITORAL NORTE DEPARTAMENTO DE LETRAS
---	--

PLANO DE INTERVENÇÃO

Pesquisa-ação: O GÊNERO TEXTUAL ARTIGO DE OPINIÃO: a função da leitura e da produção textual no desenvolvimento do olhar crítico do aluno

Graduanda: Yaminne Diniz Felinto

Turma: 2 ano do ensino médio

Modalidade de ensino: remoto emergencial

I. Conteúdo: Gênero textual Artigo de opinião

II: Objetivos:

Objetivo geral:

- Desenvolver o olhar crítico a partir das práticas de leitura e produção do gênero textual artigo de opinião.

Objetivos específicos:

- (re)conhecer as principais características e a funcionalidade do gênero artigo de opinião;
- compreender os posicionamentos argumentativos mobilizados pelo/s articulista/s no gênero artigo de opinião;
- identificar os principais operadores argumentativos empregados no gênero artigo de opinião;
- produzir o gênero artigo de opinião.

III. Metodologia:

Atividades assíncronas:

- Leituras textos da esfera jornalística;
- exibição de vídeo;
- questionário;
- produção textual.

Atividades síncronas:

- Exposição e discussões por meio de videoconferência – Google Meet e demais ferramentas interativas.

Etapas:

1º momento: breve apresentação da graduanda e das atividades a serem realizadas com os estudantes, seguida do encaminhamento de um artigo de opinião para leitura e algumas questões problematizadoras; por meio do whatsapp e google forms;

2º momento: encontro síncrono com os estudantes para discutir:

- a) os pontos de vista apresentados pelo articulista, qual o posicionamento adotado sobre a temática;
- b) análise da construção textual: parágrafos, escolhas lexicais, operadores argumentativos etc. e exposição sobre as características do gênero;
- c) ao fim, encaminhamento de uma proposta de produção textual do referido gênero.

3º momento: os alunos poderão produzir o artigo de opinião em casa, o prazo para a entrega da atividade será de dois dias. Ao término da produção, deverão enviar a atividade por e-mail, mas os que não tiverem esse recurso serão aceitas fotos legíveis de sua produção.

4º momento: avaliar as produções e dar a devolutiva para os estudantes e para a docente titular, a fim de subsidiar o aprofundamento do estudo do gênero artigo de opinião.

IV. Recursos didáticos: Slides, e-mail, imagens fotográficas, whatsapp, google forms.

V. Avaliação: A avaliação ocorrerá de duas maneiras: a primeira ocorrerá por meio da participação dos alunos, a partir da leitura do artigo de opinião e das respostas dadas pelos alunos no questionário que será disponibilizado no grupo de whatsapp da turma; a segunda avaliação ocorrerá por meio do artigo de opinião produzido pelos alunos, como forma de verificação da aprendizagem.

VI. Cronograma: Duas semanas envolvendo as atividades assíncronas e um encontro síncrono.

APÊNDICE B - Questionário do Google Forms



Questionário: o artigo de opinião e o olhar crítico do aluno

Caro/a Estudante, após a leitura do artigo de opinião encaminhado, responda às questões a seguir:

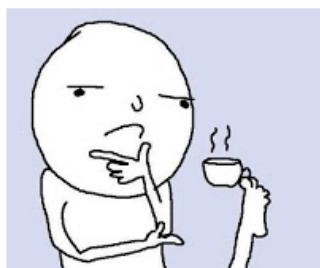
Desde já, agradeço a sua participação! :)

Graduanda: Yaminne Diniz Felinto

Pesquisa-ação: O GÊNERO TEXTUAL ARTIGO DE OPINIÃO: a função da leitura e da produção textual no desenvolvimento do olhar crítico do aluno
Curso de Letras - Língua Portuguesa - CCAE/UFPB

***Obrigatório**

1. Além do artigo de opinião que você acabou de ler, você já tinha lido algum exemplar desse gênero textual antes? *



☐ Sim

☐ Não

2. Sobre o artigo de opinião que foi lido, qual a temática abordada? *



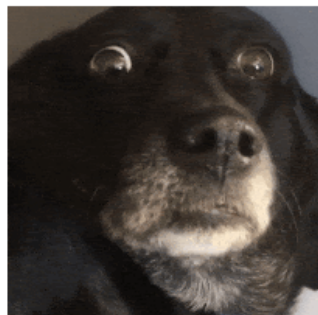
Sua resposta

3. Você concorda com o ponto de vista do articulista/autor? Por quê? *



Sua resposta

4. Quais os tipos textuais que mais se destacaram durante a leitura do artigo de opinião? *



- ☐ Narração
- ☐ Dissertação
- ☐ Argumentação
- ☐ Descrição
- ☐ Injunção
- ☐ Outro: _____

5. Você já produziu um artigo de opinião? *



- ☐ Sim
- ☐ Não

IMPORTANTE: Você concorda que as suas respostas façam parte da minha pesquisa científica? *



- ☐ Sim, desde que a minha identidade seja preservada.
- ☐ Não.

Enviar

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

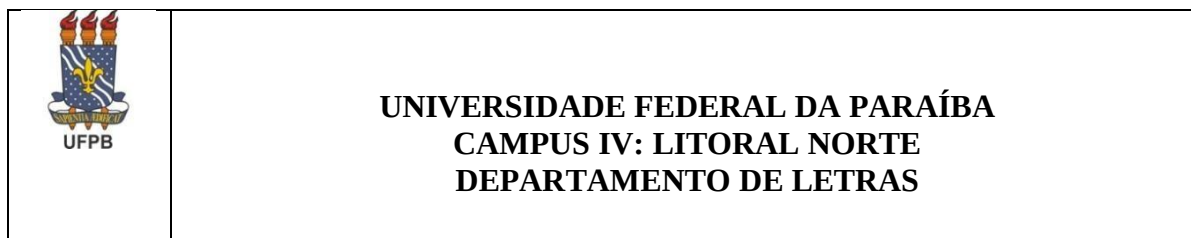
Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. [Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Política de Privacidade](#)

Google Formulários

3

³ Disponível em
<<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfyQM8xUabpDqWNYPlklcXO5Qw4FHFgzJ18VPB7gFEqT3I5LA/viewform>>

APÊNDICE C - Proposta de produção textual



Pesquisa-ação: O GÊNERO TEXTUAL ARTIGO DE OPINIÃO: a função da leitura e da produção textual no desenvolvimento do olhar crítico do aluno

Graduanda: Yaminne Diniz Felinto

Turma: 2 ano do ensino médio

Modalidade de ensino: remoto emergencial

PROPOSTA DE PRODUÇÃO TEXTUAL

Texto 1



(Disponível em <http://tribunadainternet.com.br/charge-do-duke-2164/>)

Texto 2

Médico fala sobre o retorno às aulas presenciais em 2021 (clique no link para acessar o vídeo: <https://youtu.be/OuIbAkIDoiA>)

Texto 3

[Escolas sem água para lavar as mãos ou onde falta ventilação: professores temem falta de estrutura no retorno | Volta às Aulas | G1 \(globo.com\)](#)

Estamos vivendo um momento complexo, a pandemia Covid-19 nos impôs uma constante prevenção por meio da higienização, do uso de máscaras faciais e do isolamento social, ou seja, a orientação é para ficarmos longe de alguns familiares, dos nossos amigos, dos nossos colegas e dos nossos professores. Desse modo, em decorrência do vírus, as aulas deixaram de ser presenciais e tornaram-se remotas (via internet). O site UOL expôs que “Pelo menos 15 estados têm previsão de retomada presencial das aulas em 2021”. Perante isso, *você é a favor ou contra o retorno das aulas presenciais?* Redija um artigo de opinião apresentando argumentos que comprovem e defendam o seu ponto de vista.

INSTRUÇÕES PARA A PRODUÇÃO DO SEU ARTIGO DE OPINIÃO

1. A partir da leitura da charge (texto 1), do vídeo (texto 2) e do texto 3, formule a sua opinião a respeito do retorno às aulas presenciais explicando por que você é contra ou a favor. Defenda o seu ponto de vista apresentando argumentos a fim de convencer o leitor;
2. O texto deve ser escrito na primeira pessoa do plural ou na terceira pessoa, a fim de manter a impessoalização no texto;
3. Faça uso dos operadores argumentativos;
4. Obedeça a estrutura do artigo de opinião, escreva dentro da temática presente.
5. Elabore um título para seu artigo de opinião que esteja relacionado à temática e seja criativo, convidativo à leitura. Uma dica: deixe para elaborá-lo ao final de sua produção textual.

APÊNDICE D - Proposta de reescrita



Pesquisa-ação: O GÊNERO TEXTUAL ARTIGO DE OPINIÃO: a função da leitura e da produção textual no desenvolvimento do olhar crítico do aluno

Graduanda: Yaminne Diniz Felinto

Turma: 2 ano do ensino médio

Modalidade de ensino: remoto emergencial

INSTRUÇÕES PARA A REESCRITA DO SEU ARTIGO DE OPINIÃO

Título do Artigo de Opinião (PRODUZA AO FINAL DA PRODUÇÃO: OBJETIVO E CRIATIVO!)

1º Parágrafo: Introduza o leitor na discussão com a apresentação do tema.

2º Parágrafo: Desenvolva o primeiro argumento acerca da temática. Aqui você poderá utilizar dados estatísticos, exemplos, sempre citando as fontes.

3º Parágrafo: Desenvolva mais um argumento de autoridade, discursos científicos, sempre citando as fontes.

4º Parágrafo: Conclua a discussão confirmando seu ponto de vista.

Exemplo de um artigo de opinião

Título: A viralização do senso comum⁴

⁴ Disponível em <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/redes-sociais/a-viralizacao-do-senso-comum/>>

1º parágrafo da Introdução: Aqui o autor introduz o leitor na discussão com a apresentação do tema.

Quem já recebeu alguma mensagem via whatsapp informando que o governo vai confiscar a caderneta de poupança ou que o Congresso vai votar um projeto que acaba com o 13º salário? Outro conteúdo falso que “viralizou” no Facebook nos últimos tempos se refere ao auxílio-reclusão, que seria pago diretamente ao criminoso, ou ainda que o benefício se multiplicava conforme o número de filhos do preso ou da presa.

2º Parágrafo (desenvolvimento): Aqui o autor desenvolve o primeiro argumento acerca da temática, citando fontes (destacado em amarelo).

Muitas mensagens circulam pela internet e nem sempre elas são verdadeiras. Mas como pode o cidadão comum distinguir, num volume pulverizado de informação, entre aquela confiável, verídica e relevante, e aquela errônea, imprecisa e falsa? É evidente que essa questão está relacionada ao nível de empoderamento do indivíduo, que varia de acordo com o grau de instrução, a consciência política e os hábitos midiáticos de cada um.

Uma pesquisa divulgada recentemente pelo Pew Research Center mostra que cresceu nos últimos dois anos a influência das redes sociais na tarefa de manter os cidadãos informados. Os sites de notícias, antes tradicionais fontes de informação, foram descritos no estudo como fontes secundárias na hora de saber sobre um assunto ou acontecimento.

3º Parágrafo (desenvolvimento): Ainda no desenvolvimento, o autor desenvolve mais um argumento, citando exemplos. (destacado em amarelo).

As redes sociais podem impulsionar o engajamento cívico devido à sua flexibilidade ao permitir aos usuários acessar informações sob demanda, receber notícias de maneira instantânea, aprender sobre diversos temas, personalizar conteúdo de acordo com seus interesses e aprofundar a discussão em torno de assuntos mais complexos.

Acesso à informação é um direito

No entanto, o potencial da internet para ampliar o grau de informação do indivíduo ainda é limitado por fatores como o desinteresse da coletividade ou a inabilidade das pessoas em assimilar grandes volumes de dados e relacionar

fatos. Daí a importância de uma educação que subsidie o cidadão a entender a burocracia governamental e o funcionamento do sistema político (conhecimento das regras gerais, familiaridades com as estatísticas e as plataformas de governo). Só uma pessoa que reúna essas competências poderá acompanhar e fiscalizar as políticas públicas implementadas pelos agentes públicos.

A desinformação, fruto da imprecisão, da mentira ou do ruído informacional, contribui para a ignorância das pessoas e inviabiliza o debate democrático. Aliás, é preocupante quando observamos que uma informação é manipulada simplesmente com o propósito de causar pânico ou revolta com vistas a beneficiar um segmento político. Não podemos nos esquecer também do triste episódio, ocorrido no ano passado no Guarujá, em que uma mulher foi espancada até a morte após boato espalhado em rede social que a acusava de sequestro e bruxaria.

4º Parágrafo (Conclusão): O autor conclui a discussão confirmando seu ponto de vista.

Diante disso, é preciso verificar se a informação veiculada é de uma fonte confiável, como sites institucionais, páginas de jornais conhecidos e blogues de profissionais respeitados. Também é importante pesquisar se mais de uma fonte publicou a notícia, isso denota maior credibilidade à mensagem. Outro aspecto relevante é identificar se o conteúdo divulgado não é oriundo de um site de notícias falsas ou de conteúdo exclusivamente humorístico, como o Sensacionalista.

A informação tem relevância para o exercício pleno da cidadania e a formação de opinião. Por isso, o acesso à informação é um direito que antecede os demais, pois quem está bem informado tem maiores possibilidades de reivindicar outros direitos. As redes sociais oferecem oportunidades significativas para a politização da sociedade e um maior engajamento do cidadão no processo de deliberação pública, mas é preciso, antes de tudo, discernimento para não reproduzir o senso comum “viralizado” na internet.

Michel Carvalho da Silva

ANEXO A

O "Tribunal da Internet" e os efeitos da cultura do cancelamento⁵

De acordo com o dicionário australiano Macquarie, a "cultura do cancelamento" foi eleita o termo do ano de 2019, e não é para menos. Mesmo não tendo um marco exato de origem, a cultura do cancelamento aparentemente teve início a partir da mobilização de vítimas de assédio e abuso sexual (Movimento #MeToo), que ganhou maior visibilidade em 2017 por força das denúncias realizadas em Hollywood.

Desde então, mesmo o Movimento #MeToo traduzindo a coragem de se expor problemas há anos escondidos, a cultura do cancelamento vem seguindo um caminho que aparentemente diferencia-se da iniciativa de conscientização e debate de assuntos relevantes no âmbito digital e no âmbito real, como assédio, racismo, homofobia, etc.

A cultura do cancelamento tem chamado a atenção, principalmente nas redes sociais, por tratar-se de uma onda que incentiva pessoas a deixarem de apoiar determinadas personalidades ou empresas, públicas ou não, do meio artístico ou não, em razão de erro ou conduta reprovável. Nos termos da definição da palavra "cancelar", a ideia do movimento é literalmente "eliminar" e "tornar sem efeito" o agente do erro ou conduta tidos como reprováveis.

Ao analisarmos o movimento sob o prisma das modalidades de regulação da Internet proposta por Lawrence Lessig, composta por: direito, normas sociais, mercado e arquitetura¹, podemos considerar a cultura do cancelamento como uma sanção imposta pelos próprios usuários no âmbito na Internet, diante da violação de normas sociais existentes. Assim como as demais modalidades de regulação, as normas sociais são eficientes, uma vez que inibem o comportamento reprovável por parte da comunidade que assim o entende.

Exemplo que demonstra a eficiência das normas sociais é a campanha de boicote à publicidade (#StopHateforProfit), iniciada no último dia 17. A ideia foi aderida por diversas empresas que manifestaram interesse em suspender seus anúncios em uma das maiores redes sociais da Internet, de modo a protestar contra "discurso de ódio" e pressionar a empresa para adotar medidas satisfatórias e criar mecanismos eficientes de combate. Em contrapartida, outra gigante da tecnologia, informou maiores medidas internas e externas para combater o racismo e

⁵ Disponível em <<https://www.migalhas.com.br/depeso/331363/o--tribunal-da-internet--e-os-efeitos-da-cultura-do-cancelamento>>

aumentar a representatividade na empresa, reforçando as políticas já existentes contra o discurso do ódio.

Ocorre que, especificamente com relação à cultura do cancelamento, e ao contrário do Direito em que há um devido processo legal para justificar uma punição ou não, o "tribunal da Internet" não costuma oportunizar sequer o exercício do contraditório. Na maioria das vezes, aliás, a cultura do cancelamento costuma ter efeitos imediatos, onde a onda de boicote tem início tão logo o erro ou conduta tidos como reprováveis são notados e expostos. Tal imediatismo, porém, traz à tona certa intolerância e muita polarização, demonstrando assim que a sanção antecede a defesa. Dessa forma, o ambiente virtual torna-se hostil, seletivo e, por vezes, injusto.

Nota-se que, a partir da constatação de erro ou conduta reprovável por um grupo de pessoas, cria-se um movimento na rede social de exposição para que, não somente os usuários deixem de "seguir" a pessoa ou de comprar determinada marca, por exemplo, mas também para que parem de dar visibilidade ao trabalho de alguém ou determinada empresa. Por meio da onda de ataque aos perfis em redes sociais, os efeitos são sentidos em todos os aspectos: na vida pessoal de pessoas físicas que perdem trabalhos, contratos, patrocínios e até desenvolvem problemas psicoemocionais, bem como na atividade de empresas que deixam de realizar vendas, atender clientes, etc.

Um dos exemplos recentes da cultura do cancelamento nas redes sociais foi ocorrido com uma digital influencer do mundo fitness que, durante a pandemia e o isolamento social, meses após ser diagnosticada e "se curar" do coronavírus, reuniu alguns amigos em sua casa, fazendo publicações da "festinha". A anfitriã foi imediatamente cancelada nas redes sociais, com a consequente perda de diversas parcerias e rescisão de contratos. E apesar do pedido de desculpas e reconhecimento do erro, o cancelamento se manteve, beirando o linchamento virtual e fazendo com que ela desativasse seu perfil em uma de suas redes sociais.

Nesse contexto, observa-se que o "Tribunal da Internet" não realiza seus julgamentos com igualdade ou proporcionalidade. Primeiro, porque deixa-se de discutir ideias e passa-se a discutir pessoas ou empresas. Segundo, porque poucos preferem ouvir, entender e formar uma opinião antes de atacar. Terceiro, porque outras pessoas ou empresas envolvidas em situações análogas, por exemplo, não sofrem sanções na mesma intensidade que as "canceladas". Quarto, porque, no mundo virtual, é muito tênue a linha entre a crítica construtiva e o ataque revestido ofensas.

Apesar dos julgamentos, porém, a cultura do cancelamento também pode gerar um efeito contrário ao pretendido, já que a proporção da exposição faz com que a pessoa ganhe mais visibilidade nas redes sociais e, a depender de seus próximos passos, acabe transformando a visibilidade do ocorrido a seu favor, fazendo mais sucesso e ganhando mais engajamento. Numa breve analogia, comparar o Direito com o "Tribunal da Internet", seria como se, após a sentença do "cancelamento", o recurso do "cancelado" fosse provido para afastar a condenação.

O que se extrai de interessante desta dicotomia na cultura do cancelamento é que, não apenas comportamentos reprováveis são objeto da onda de boicote, mas também opiniões contrárias sobre determinados temas. E em que pese a liberdade de expressão seja um direito fundamental, isso acontece porque muitos usuários ao se depararem com divergências, ao invés de promoverem um debate saudável, dão lugar à cultura do cancelamento, boicotando pessoas físicas ou jurídicas.

Acontece que, além do mero "cancelamento", os ataques virtuais tornam-se massificados e, por muitas vezes, extrapolam os limites da livre manifestação de pensamento de modo a ensejar, de fato, um linchamento virtual que, mesmo revestido de boa intenção, pode provocar uma propagação de discurso de ódio e ainda, incorrer em crimes como injúria ou difamação. Em situações como esta, o "cancelado" que não encontra formas de se justificar sobre o ocorrido em tempo de reparar sua imagem, acaba por adotar medidas judiciais em face daqueles que propagaram ofensas, divulgaram informações eventualmente falsas e coisas do tipo.

A cultura do cancelamento, portanto, que teve origem em um movimento que promovia denúncia e discussão de temas relevantes, hoje em dia acaba acarretando o descarte do debate saudável, impondo, de forma imediata, a sanção ao agente, sem viabilizar a defesa prévia ou eventual aprendizado, uma vez que não possui viés de educar e reintegrar, mas apenas excluir. E ainda que tal movimento tenha maior relevância quando nos referimos a pessoas ou empresas de notoriedade pública, é certo que atinge pessoas anônimas que, a partir de eventual erro ou conduta reprovável, podem ser igualmente "canceladas" por um grupo de amigos, colegas de trabalho, etc.

A pergunta que fica diante de tantos julgamentos e sanções imediatamente impostas sem a possibilidade de defesa ou reflexão é: como seria se todos fossemos "cancelados" por um erro ou conduta reprovável, já que estamos em constante evolução? Na mesma medida em que a imperfeição é reconhecida, é crescente o número de pessoas que optam por não compartilhar

seus pensamentos sobre determinados temas por receio do cancelamento e dos danos - psicológicos, de imagem e patrimoniais - dele decorrentes.

Nas palavras do atual Ministro Alexandre de Moraes: a liberdade de expressão constitui um dos fundamentos essenciais de uma sociedade democrática e compreende não somente a informações consideradas como inofensivas, indiferentes ou favoráveis, mas também aquelas que possam causar transtornos, resistência, inquietar pessoas, pois a democracia somente existe a partir da consagração do pluralismo de ideia e pensamento, da tolerância de opiniões e do espírito aberto ao diálogo. E, na direção inversa ao entendimento defendido pelo Supremo Tribunal Federal inclusive no histórico julgamento da ADPF 130, percebe-se que, pessoas com medo da cultura do cancelamento virtual, deixam de colaborar com a democracia.

Com isso, o propósito de exposição de temas para que haja liberdade de comunicação social, garantindo-se a livre circulação de ideias e informações de forma pluralista, na realidade, tornou-se uma ferramenta de autocensura ao invés de promover o debate, como a contranarrativa³. A cultura do cancelamento, na forma como praticada atualmente, afeta, ainda que de maneira indireta, o exercício dos direitos da livre manifestação de pensamento e da liberdade de expressão, obstando o debate de questões que, de forma saudável, traria benefícios para a sociedade ainda promoveria o progresso intelectual e a evolução pessoal de cada um.

Thays Bertoncini da Silva e Erica Marie Viterito Honda